



HERMENÊUTICA BÍBLICA



Missão

Promover um ensino que permita o desenvolvimento do indivíduo de modo integral, visando sua autonomia intelectual e a autorrealização, formando profissionais críticos e reflexivos com visão generalista e multidisciplinar, conscientes de seu papel social.”



Valores

A confiança, sensibilidade, flexão, justiça, honestidade, autodesenvolvimento, respeito ao próximo e percepção, empatia, descentralização e nobreza de espírito.”



Visão de futuro

Ser uma Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida pela excelência nos serviços educacionais, meios para que a sua comunidade acadêmica realize, em sua plenitude, as legítimas aspirações da pessoa humana, atuando em perfeita sintonia com a sociedade apoiada em valores éticos inalienáveis, buscando sempre a racionalização de recursos e a otimização de resultados, comprometida com as transformações do seu tempo.

Princípios institucionais

- ✧ Ética, consciente de sua responsabilidade social e compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
- ✧ Atuante no resgate da cidadania, na formação do cidadão como ser ético e político, consciente de suas responsabilidades, de seus direitos e deveres;
- ✧ Aglutinadora, aberta a todo o saber, crítica, criativa e competente;
- ✧ Comprometida com resultados;
- ✧ Aberta a parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração;

SOBRE O AUTOR:

José Calixto

Formação Acadêmica**• Doutorado em Teologia Aplicada**

Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, campus Engenheiro Coelho (2008)

Tema da tese: *A vida devocional sob o impacto da mídia contemporânea.*

• Mestrado em Ciência da Religião

Faculdade Unida de Vitória – ES (2019)

Dissertação: *Dualismo face à integralidade na relação corpo-alma.*

• Mestrado em Teologia Pastoral

Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, campus Engenheiro Coelho (2002)

• Pós-graduação em Filosofia da Religião

Universidade Gama Filho – UGF, Rio de Janeiro (2011)

Trabalho final: *A natureza humana de Cristo no contexto pré e pós-lapsariano.*

Experiência Acadêmica**• Professor de Teologia, com atuação nas áreas:**

- Teologia Aplicada
- Teologia Bíblica
- Teologia Histórica

Publicações

Autor dos seguintes livros:

1. **O Cuidado de Deus – História e Profecia**
2. **Como Entender “Jesus Cedo Vem”**
3. **Lições Doutrinárias**
4. **Como Obter Esperança nas Tormentas**

5. A Natureza de Cristo**6. Verdades Esclarecidas****7. Ministério Pastoral: Raízes Bíblicas, Desafios e Aplicações****APRESENTAÇÃO**

A Igreja Cristã, em seus primórdios, foi edificada sobre uma base hermenêutica sólida: a convicção de que a própria Escritura é seu melhor intérprete. No entanto, após o período apostólico, esse princípio foi gradualmente substituído por abordagens influenciadas por tradições culturais, filosofias externas, autoridade eclesiástica e experiências subjetivas. Essa transição gerou tensões entre os que acolheram tais influências e aqueles que buscaram retornar a uma hermenêutica centrada exclusivamente na Bíblia.

Embora a Bíblia continue sendo o fundamento da fé cristã, permanece o desafio de compreender por que diferentes grupos, igualmente comprometidos com as Escrituras, chegam a interpretações tão diversas e por vezes contraditórias. Tais discrepâncias revelam que a questão central não é apenas afirmar a autoridade bíblica, mas compreender os princípios que orientam sua interpretação.

Diante disso, este estudo propõe uma reflexão sobre os fundamentos da hermenêutica bíblica, buscando identificar os pressupostos, métodos e princípios necessários para uma leitura fiel das Escrituras, à luz do exemplo de Cristo e dos apóstolos.

Sumário

UNIDADE 1 – CONCEITOS, RAÍZES E BENEFÍCIOS DA HERMENÊUTICA

BÍBLICA	7
Objetivos	7
Definição Etimológica	7
Áreas da hermenêutica	8
Divisões da Hermenêutica Bíblica	8
Raízes da Hermenêutica Bíblica	9
Hermenêutica patrística	11
Hermenêutica na Reforma Protestante	12
Hermenêutica na Renascença	14
Mudanças na hermenêutica	15
Abismos na hermenêutica bíblica	17
Benefícios da hermenêutica bíblica	19
A Bíblia como sua própria intérprete	20
Considerações finais	22
Hora de rever	23
Conteúdo complementar	23
REFERÊNCIAS	24
UNIDADE 2 - PRINCÍPIOS DA HERMENÊUTICA BÍBLICA	25
Objetivos	25
Princípios da Hermenêutica Bíblica	26
<i>Revelação</i>	26
<i>Autoridade divina</i>	27
<i>Harmonia bíblica</i>	30
<i>Auto interpretação</i>	30
<i>Uso da língua original</i>	31
<i>Contextualização</i>	32
<i>Sentido literal</i>	32
<i>Simbolização</i>	32
Níveis da hermenêutica bíblica	33
Princípios da nova hermenêutica	34
Princípios da crítica textual	35
Considerações finais	36
Hora de rever	37

Estudo complementar	37
REFERÊNCIAS	38
UNIDADE 3 – MÉTODOS DA HERMENÊUTICA BÍBLICA	39
Objetivos	39
Bloqueios na hermenêutica	40
Etapas da hermenêutica correta	42
Métodos de Interpretação da Bíblia	43
Características do intérprete bíblico competente	48
Jesus como intérprete das Escrituras	50
Paulo como intérprete das Escrituras	50
A Hipótese Documental	51
Considerações finais	54
Hora de rever	55
Conteúdo complementar	55
REFERÊNCIAS	56
UNIDADE 4 – PERIGOS DA HERMENÊUTICA MODERNA	57
Objetivos	57
Alguns perigos na interpretação das Escrituras	57
Outros riscos na hermenêutica bíblica	59
Palavras como ferramentas inadequadas	61
Hermenêutica moderna equivocada	62
Considerações finais	64
Hora de rever	65
Conteúdo complementar	65
REFERÊNCIAS	65

UNIDADE 1 – CONCEITOS, RAÍZES E BENEFÍCIOS DA HERMENÊUTICA BÍBLICA

Objetivos

- Apresentar definição e áreas da hermenêutica, conhecer as divisões e as raízes históricas da hermenêutica bíblica;
- Descrever mudanças na hermenêutica;
- Analisar abismos na hermenêutica bíblica e ressaltar seus benefícios.

O propósito da hermenêutica é fazer com que o leitor se sinta próximo ao autor, compreendendo o contexto e a época em que o texto foi escrito. A hermenêutica bíblica busca esclarecer partes obscuras e tornar o entendimento mais acessível, garantindo que a mensagem seja transmitida de forma fiel e verdadeira.

Esta unidade apresenta as raízes, conceitos e regras fundamentais de interpretação da Bíblia, para que o leitor possa encontrar o sentido correto de uma passagem das Escrituras, visando aplicá-lo na vida, compartilhar com os outros e também progredir no exercício da pesquisa.

Definição Etimológica

A Hermenêutica é a teoria e o estudo da interpretação, abrangendo a análise de textos, discursos, símbolos e ações, buscando compreender seu sentido e significado. Ou seja, o objetivo da Hermenêutica é fazer uma boa interpretação do texto, chegando ao seu verdadeiro significado e aplicando-o corretamente. Em essência, é a "arte de interpretar", que remete ao termo grego *hermeneuein*, cujo significado é expressar, explicar, traduzir, interpretar, seja um texto sagrado, uma obra de arte, ou mesmo o comportamento humano.

ZUCK (1984) descreve que a hermenêutica é a arte e a ciência de interpretação. É ciência porque contém regras definidas e organizadas. Envolve métodos e procedimentos nas áreas jurídica, literária e outras.

É uma arte porque as regras não podem ser aplicadas de maneira mecânica, precisa ter a parte artística do ser humano. Na hora de aplicar as regras há necessidade de bom senso, sensibilidade e criatividade.

Áreas da hermenêutica

a) *Hermenêutica filosófica*: Foca na interpretação da existência e da realidade como um todo, buscando o sentido da vida e do mundo.

b) *Hermenêutica jurídica*: Estuda a interpretação das leis e normas, buscando esclarecer o sentido e o alcance das regras jurídicas.

c) *Hermenêutica bíblica*: Analisa os textos bíblicos, buscando compreender o significado das palavras de Deus e a aplicação dessas mensagens na vida.

d) *Hermenêutica literária*: Dedicar-se à interpretação de obras literárias, buscando o sentido profundo e as mensagens contidas nos textos.

Em suma, a hermenêutica é um campo vasto e complexo que nos ajuda a entender o mundo e a nós mesmos através da interpretação.

Divisões da Hermenêutica Bíblica

A hermenêutica bíblica é necessária por causa das lacunas históricas, culturais/filosóficas e linguísticas que obstruem a compreensão espontânea e exata da Palavra de Deus. Ela garante que a interpretação seja fiel ao propósito divino e relevante para os dias de hoje.

Porque há necessidade da hermenêutica bíblica? Por meio dela evita interpretações errôneas ou distorcidas da Palavra de Deus, compreende a mensagem original dos textos bíblicos em seu contexto e se aplica os ensinamentos da Bíblia de forma relevante e eficaz.

Hermenêutica bíblica se divide em duas partes: A geral cuida do estudo das regras que conduzem o estudo do texto inteiro, incluindo elementos histórico-culturais, léxicos-sintéticos, contextuais e teológico, sendo aplicada a qualquer obra escrita. Ou seja, trata as Escrituras como um todo. Enquanto que a especial estuda as regras que se aplicam somente às formas distintivas de

literatura, como as parábolas, as alegorias, os tipos e as profecias. Trata de questões particulares das Escrituras.

Raízes da Hermenêutica Bíblica

O termo *hermeios*, hermenêutica, remete-nos ao deus Hermes, que, segundo a mitologia grega, foi o descobridor da linguagem e da escrita. Cabia a ele transformar o que estava além do entendimento humano em algo que a inteligência racional pudesse assimilar. Assim, o verbo *hermêneuō* passou a significar o ato de levar alguém a compreender algo em seu próprio idioma ou em outra língua.

LINDSAY (2016), descreve que Hermes descobriu a linguagem verbal e a escrita, tendo sido o deus da literatura e da eloquência, dentre outras coisas. Ele era o mensageiro ou intérprete dos deuses e principalmente do pai, Zeus. Essa divindade grega transformava aquilo que a compreensão humana não alcançava, em algo que a humanidade conseguisse compreender.

Por outro lado, a hermenêutica bíblica possui raiz histórica profunda, remontando aos primeiros séculos que antecedeu nossa era, quando os intérpretes buscavam compreender e aplicar as Escrituras em contextos culturais, linguísticos e religiosos distintos.

Um ponto de referência histórico definidor da religião judaica foi o cativeiro babilônico no sexto século a.C. Antes desse evento, os israelitas eram fortemente tentados a abandonar os preceitos da Lei e as advertências dos profetas e a aceitar os componentes pagãos da cultura cananeia que os circundava.

Percebendo que eles e seus antepassados foram levados em cativeiro por causa de suas transgressões da Lei e do sábado (Jr 17:19 a 27; 2Cr 36:15 a 21), os judeus pós-exílicos mudaram progressivamente em direção a uma obediência mais rígida da Lei e do sábado, conforme definida pela tradição. Essas regras extra-bíblicas tendiam a sobrecarregar e obscurecer alguns ensinamentos básicos das Escrituras (Mt 15:5 a 9).

Fatores geográficos, culturais e religiosos no seio do judaísmo, ajudaram a desenvolver três grandes abordagens distintas às Escrituras, as quais

floresceram no primeiro século d.C. O judaísmo rabínico centralizava-se em Jerusalém e na Judéia, promovendo obediência à Lei mosaica e às escrituras hebraicas a fim de proteger a tradição e a identidade judaica de ser diluída pela cultura greco-romana.

O judaísmo helenístico, por sua vez, embora amplamente disperso, encontrava sua principal expressão na grande comunidade judaica de Alexandria, no Egito. Fortemente influenciado por Filo de Alexandria, esse ramo do judaísmo adotou interpretações alegóricas das Escrituras, buscando harmonizar suas crenças religiosas com os conceitos da filosofia grega, especialmente na forma platônica.

A comunidade ascética de Qumran, na costa noroeste do Mar Morto, assumiu uma acentuada tendência escatológica, tentando mostrar como os eventos contemporâneos relacionados com sua própria comunidade cumpriam as profecias do Antigo Testamento.

Segundo TIMM (2007), p. 2, Cristo e seus apóstolos romperam com os limites hermenêuticos do judaísmo de seus dias enfatizando a autoridade exclusiva das Escrituras sobre todas as outras fontes de conhecimento religioso (Mt 5:18). O alto valor que eles davam às Escrituras e a equilibrada interpretação de seu conteúdo são evidentes, não apenas na maneira como Cristo e os escritores do Novo Testamento interpretavam as escrituras hebraicas, mas também no modo como eles enfrentavam certas distorções hermenêuticas do judaísmo de seu tempo.

Cristo condenou as severas tradições rabínicas e rituais exteriores como “tradições que invalidavam a palavra de Deus” (Mt 15:6; *Mateus* 23:1 a 38). Ele também se opôs a qualquer acomodação cultural da Palavra de Deus que anulasse seu poder santificador (Jo 17:6 a 23), como fizeram os judeus helenistas com suas próprias crenças.

Contrastando uma forma de religião acentuadamente ascética, conforme praticada na comunidade de Qumran, Cristo enviou seus seguidores a pregar o evangelho a “todas as nações” (Mt 28:19).

Em *João* 17, Jesus orou para que seus seguidores cumprissem sua missão *no* mundo sem serem *do* mundo (Jo 17:9 a 19). Mas, à semelhança do

judaísmo helenístico, o cristianismo pós-apostólico também perdeu muito de sua identidade bíblica original acomodando-se à cultura greco-romana.

Até mesmo líderes preeminentes como Irineu, Orígenes e Agostinho evidenciaram em seus escritos tais mudanças. Muitos intérpretes cristãos encontraram no método alegórico de Alexandria amplitude suficiente para sua acomodação sincrética das Escrituras à cultura popular.

Por si mesmo, o método alegórico teria levado a igreja cristã a uma interpretação pluralista das Escrituras, distorcendo sua identidade religiosa. Todavia, a incerteza criada pela interpretação da Palavra de Deus por meio de vários paralelismos alegóricos deixava muitos insatisfeitos, levando-os a procurar uma única voz autorizada.

A função da hierarquia eclesiástica – principalmente o Bispo de Roma – interveio para preencher essa procura, favorecendo desse modo a pretensão da Igreja de ser a única intérprete correta da Escritura. Interesses eclesiásticos começaram a invalidar a verdadeira fidelidade à Palavra de Deus, construindo uma forte tradição hermenêutica não-bíblica.

De fato, o cristianismo surgiu no seio do judaísmo rabínico e, posteriormente, expandiu-se pelos domínios do judaísmo helenístico, antes de confrontar os grandes desafios impostos pelo paganismo predominante na maior parte do Império Romano.

Hermenêutica patrística

De acordo com KLEIN (1993), a interpretação bíblica na Idade Média foi dominada pelo método alegórico de Orígenes, que via cada passagem da Bíblia como tendo quatro sentidos: “literal (ou histórico), alegórico (ou doutrinal), moral (ou tropológico) e anagógico (ou escatológico)”.

Com tal variedade de opções interpretativas e sob a influência da elevação da tradição acima das Escrituras, fomentada por Irineu, a igreja medieval podia facilmente reivindicar apoio bíblico para muitos de seus ensinamentos não-bíblicos. Pela elevação da tradição eclesiástica acima do nível de autoridade da Bíblia, a Igreja foi capaz de transferir muitas das prerrogativas salvíficas de Cristo e das Escrituras para si mesma e seu sistema sacramental.

Nem todos os intérpretes da Bíblia aceitavam o método alegórico. Já no quarto século d.C., a escola catequética cristã de Antioquia da Síria ensinava “a interpretação histórico-gramatical das Escrituras: que cada passagem tem um significado claro e simples transmitido por sua gramática e palavras”. Durante a Idade Média, pré-reformadores, tais como John Wycliff, John Huss, Jerônimo de Praga, e os valdenses, tentaram restaurar a autoridade das Escrituras acima das decisões eclesiásticas.

Desde os escritos dos Pais da Igreja, como Orígenes e Agostinho, até os reformadores, como Lutero e Calvino, desenvolveu-se uma tradição interpretativa rica e diversa. Ao longo dos séculos, essa prática foi moldada por debates teológicos, influências filosóficas — como o pensamento helenista e posteriormente o iluminismo — e diferentes métodos exegéticos. Assim, a hermenêutica bíblica não é uma construção recente, mas sim um campo consolidado que carrega consigo séculos de reflexão, crítica e busca por fidelidade ao texto sagrado.

Foi somente na primeira metade do século 16 d.C. que uma mais difundida reforma hermenêutica reinstalou a autoridade normativa das Escrituras.

Hermenêutica na Reforma Protestante

A Reforma do século 16 foi, primeiramente, uma reforma hermenêutica. Foi capaz de abalar a autoridade da Igreja Católica Romana e de gerar uma duradoura reforma *eclesiástica*. Reformadores, como Lutero, Calvino e Zuínglio, lançaram o movimento protestante com suas várias ramificações e denominações. As novas denominações que surgiram, com suas tradições, permaneceram mais ou menos estabilizadas em seus ensinamentos até o Iluminismo, durante o qual a filosofia racionalista e a ciência naturalista começaram a desafiar abertamente a integridade das Escrituras.

Conquanto precursores dos reformadores protestantes, tais como John Wycliffe (c.1329-1384), já tivessem apelado para as Escrituras como a única norma de fé e doutrina, foi Martinho Lutero (1483-1546), monge agostiniano e professor de teologia bíblica na Universidade de Wittenberg, quem enunciou claramente a exclusiva e suprema autoridade da Bíblia.

Ao pregar suas famosas 95 teses contra as indulgências na porta da igreja do castelo de Wittenberg, ele ainda não reconhecia o conflito entre a autoridade da Igreja e a autoridade das Escrituras, inferida por seus ensinamentos. Dois anos depois, em um debate com Johann Eck (1486-1542), Lutero foi obrigado a apelar para a autoridade das Escrituras como suprema acima da autoridade dos concílios da Igreja e decretos papais.

Quando quarenta e um dos ensinamentos de Lutero foram condenados por uma bula papal em junho de 1520, e ele foi acusado de rejeitar todos os santos da Igreja, ele escreveu uma extensa defesa de sua posição: Somente a Escritura é o verdadeiro senhor e mestre de todos os escritos e doutrina sobre a Terra. Se isto não é admitido, para que serve a Escritura? Quanto mais a rejeitamos, mais nos satisfazemos com livros de homens e ensinamentos humanos.

Esta ênfase sobre a “Escritura somente” (*sola scriptura*) Lutero manteve para o restante de sua vida. Comparecendo diante do imperador Carlos V, na Dieta de Worms, disse Lutero: “Minha consciência está cativa à Palavra de Deus”. Para ele, a autoridade das Escrituras baseava-se na crença de que somente elas proclamavam o verdadeiro evangelho de Cristo e que elas eram as palavras do Espírito Santo.

Repetidamente, ele apelou para a Escritura somente como a única autoridade para fé e doutrina. Esse princípio tornou-se incorporado na declaração definitiva da fé luterana: “Cremos, ensinamos e confessamos que os escritos proféticos e apostólicos do Antigo e Novo Testamentos são a única regra e norma segundo a qual todas as doutrinas e ensinamentos igualmente devem ser avaliados e julgados”, como está escrito em Salmo 119:105: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz, para os meus caminhos”.

Lutero e outros reformadores protestantes estavam bem cientes de que o problema da autoridade exclusiva das Escrituras envolvia outros problemas, tais como a interpretação; a clareza ou nitidez; e a suficiência, ou perfeição das Escrituras.

A Igreja Católica Romana alegava que os crentes precisavam da Igreja para prover-lhes a correta interpretação das Escrituras, pois grande quantidade dos livros sagrados era obscura. Os fiéis, portanto, necessitavam aderir à

interpretação dada pela Igreja Católica. Contra isto os reformadores defenderam a clareza ou a nitidez das Escrituras.

Lutero e Zuínglio defendiam que as Escrituras podem exercer sua autoridade e seu poder transformador somente por meio da operação e iluminação do Espírito Santo. João Calvino (1509-1564) enfatizava especialmente a convicção de que a autoridade das Escrituras era estabelecida no coração dos crentes, não pela determinação da Igreja, mas por meio do testemunho interior do Espírito Santo.

A alegação de “que as Escrituras têm tanto peso conforme lhe é concedido pelo consenso da Igreja”, Calvino considerava ser “um erro muito pernicioso”. Ele salientava que a igreja cristã foi “fundada sobre os escritos dos profetas e a pregação dos apóstolos”, portanto, as Escrituras “muito certamente haviam precedido a Igreja”.

Segundo BEMMELEN (2007), Calvino apresentou muitas provas para estabelecer a origem divina e a autoridade das Escrituras, tais como a majestade do seu conteúdo; sua fidedignidade; o cumprimento de suas predições proféticas; sua maravilhosa preservação; sua simplicidade; e o testemunho consistente da Igreja, ao longo de todos os séculos, quanto à sua origem divina.

Hermenêutica na Renascença

De acordo com TIMM (2007), a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX marcaram uma profunda mudança de paradigma na cultura ocidental. Muitos pensadores da época começaram a abandonar a crença na revelação sobrenatural, substituindo-a por métodos baseados no naturalismo. Nesse contexto, a interpretação da Bíblia tornou-se o centro de intensos debates. Três posições principais emergiram: os que defendiam a origem sobrenatural e a autoridade normativa das Escrituras; os que viam a Bíblia apenas como um produto das culturas antigas; e os que buscavam reinterpretá-la à luz da cultura racionalista moderna.

Nesse pressuposto, judeus helenistas e cristãos medievais utilizavam o método alegórico para adaptar a Bíblia às culturas em que viviam, os racionalistas modernos desenvolveram o método histórico-crítico. Esse novo enfoque visava interpretar as Escrituras resgatando os contextos culturais em

que foram originalmente produzidas. A crítica histórica baseia-se na análise literária dos textos, considerando-os em relação ao ambiente sociocultural que os moldou. Esse método nasceu do pressuposto iluminista de que a História pode e deve ser compreendida sem recorrer a intervenções sobrenaturais.

Conforme KRENTZ (1975), aplicado à Bíblia, o método histórico-crítico, que será melhor analisado na Unidade três, levou muitos estudiosos a reinterpretar relatos de milagres e intervenções divinas como meras construções retóricas humanas. Com isso, a mensagem bíblica passou a ser vista, por alguns, como ultrapassada diante do pensamento científico moderno.

A partir do início do século XIX, diversas denominações protestantes tradicionais passaram a enfrentar uma crescente polarização interna. De um lado, estavam aqueles que permaneciam fiéis ao método histórico-gramatical de interpretação das Escrituras, conforme a tradição protestante; de outro, os que adotavam a abordagem crítico-histórica modernista, influenciada pelos pressupostos do racionalismo e do naturalismo.

A crítica histórica manteve sua hegemonia no meio acadêmico e entre os estudiosos das Escrituras até a segunda metade do século XX, quando começou a ceder espaço diante do avanço do pensamento pós-moderno. Paralelamente a esse processo de questionamento da autoridade normativa da Bíblia — impulsionado pelo racionalismo filosófico e pela ciência de orientação naturalista — a arqueologia bíblica emergiu como uma disciplina científica autônoma. Em diversos casos, suas descobertas ofereceram respaldo à historicidade de certos relatos bíblicos, contribuindo significativamente para o diálogo entre fé e razão.

Mudanças na hermenêutica

A hermenêutica bíblica moderna trouxe mudanças significativas na forma como os textos sagrados são interpretados, principalmente a partir do Iluminismo e do surgimento das ciências humanas. Aqui estão algumas das principais mudanças:

1. *Ênfase no Método Histórico-Crítico*: A hermenêutica moderna passou a analisar a Bíblia como um documento histórico, produzido em contextos culturais específicos. Isso significou:

a) Investigar quem escreveu os textos, quando e por quê.

b) Analisar o contexto político, social e religioso do tempo em que foram escritos.

c) Estudar as fontes e tradições que compõem os livros bíblicos.

Essa abordagem contrasta com leituras mais devocionais ou dogmáticas que tratavam a Bíblia como um texto homogêneo e atemporal.

2. *Reconhecimento da diversidade de gêneros e vozes*: A hermenêutica moderna identificou que a Bíblia não é um livro único, mas uma coleção de diferentes gêneros literários (poesia, narrativa, profecia, sabedoria, cartas, apocalipse) e vozes teológicas. Isso levou à compreensão de que há tensões internas, desenvolvimentos de pensamento e até visões contrastantes dentro do próprio texto bíblico.

3. *Distinção entre teologia e texto*: Com o avanço da crítica textual, os estudiosos passaram a distinguir o que é construção teológica posterior e o que pode ter sido o texto original ou mais antigo. Isso abriu espaço para questionamentos sobre a autoria tradicional (por exemplo, se Moisés escreveu todo o Pentateuco) e sobre a evolução da fé de Israel e da Igreja.

4. *Diálogo com as Ciências Humanas*: A hermenêutica moderna incorporou ferramentas da filosofia, linguística, sociologia, psicologia e antropologia. Isso permitiu novas formas de leitura, como:

a) *Hermenêutica existencial* (influenciada por Heidegger e Bultmann),

b) *Crítica feminista e pós-colonial*, que questionam estruturas de poder e exclusão no texto,

c) *Leitura sociológica e política*, que observa como o texto reflete e influencia relações de poder.

5. *Centralidade do leitor*: Outra mudança importante foi o deslocamento do foco do texto em si para a experiência do leitor. Essa abordagem reconhece que toda leitura é feita a partir de um contexto cultural, histórico e subjetivo. Surgem então métodos como:

a) *Hermenêutica da suspeita* (Marx, Freud, Nietzsche),

b) *Leitura comunitária e contextual* (teologia negra, teologia da libertação).

6. *Superação de leitura literalista*: A hermenêutica moderna contribuiu para uma leitura menos literal e mais simbólica ou metafórica da Bíblia, especialmente em relação a relatos como a criação em Gênesis, o dilúvio ou os milagres. O

foco passa a ser o sentido teológico e existencial mais do que a factualidade histórica.

Além das transformações na compreensão hermenêutica, existem abismos que demandam atenção cuidadosa para que o texto bíblico seja interpretado de forma adequada. Confira a seguir!

Abismos na hermenêutica bíblica

1º) Abismo histórico: Estamos largamente separados da época dos escritores bíblicos. Por isso, entender o contexto histórico em que os textos foram escritos ajuda bastante a interpretar melhor conteúdo bíblico (ver: Dn. 1:1-2).

a) *Abismo do tempo (cronológico):* Devido a gigantesca lacuna temporal, um abismo enorme separa-nos dos autores e dos primeiros leitores da Bíblia. Como não estávamos lá, não podemos conversar com os autores e com os primeiros ouvintes e leitores para descobrir de primeira mão o significado do que escreveram.

b) *Abismo geográfico:* A região onde foi realizada a história bíblica, também conhecida como crescente fértil, é marcada de contrastes e muita beleza. Nela temos desertos, vales, montes, rios e mares. Parte da história foi no deserto, numa região seca. Outra parte foi realizada nos montes e vales.

Cada lugar servia de inspiração para o escritor, que usava as características da região para enriquecer aquilo que estava querendo dizer. O estudante da Bíblia precisa ter estes mapas em mãos, em forma de quadros ou transparências para enriquecer o que está sendo ministrado.

2º) Abismo cultural ou filosófico: Um dos mais difíceis a serem transpostos, pois a visão de mundo (cosmovisão) acerca da vida, das circunstâncias e da natureza do Universo diferem entre as várias culturas. Há diferença significativa entre a cultura dos antigos hebreus, gregos, romanos e a nossa. Cada um vê aquilo que está condicionado a ver. A cultura é um conjunto de comportamentos, crenças, valores morais, espirituais e materiais característicos de uma sociedade. Mesmo dentro do Brasil, encontramos comportamentos diferentes nas mais diversas regiões.

O modo de se comunicar muda bastante e os nomes de alimentos e animais também recebem nomes diferentes. O mesmo acontece com a maneira de viver onde os hábitos mudam completamente de uma região para outra.

No conteúdo bíblico é possível encontrar, desde a cultura hebraica, egípcia, Assíria, babilônica, persa, grega e romana. As áreas envolvem desde a política, a religião, a economia, as leis, a arquitetura, as vestimentas, a vida doméstica, a organização militar e estrutura social.

3º) Abismo dos costumes: Existem grandes diferenças entre a maneira de agir e de pensar dos ocidentais e dos personagens das terras bíblicas. É importante conhecer as culturas e os costumes dos povos dos tempos bíblicos. Muitas vezes, a falta de conhecimento de tais costumes gera interpretações equivocadas.

A exemplo, foram achados documentos na cidade enterrada de Nuzi (2000-1500 a.C.), que mostram que o costume daquela época era adotar um filho quando não se tinham filhos legítimos para herdar a herança. Se, porém, o primogênito nascesse, o adotado passaria para segundo plano (ver Gn 15:2).

Segundo Deuteronômio 22:5, naquela época, as roupas dos homens e mulheres eram iguais, a diferença estava apenas nas roupas íntimas. Muitos, como hoje, usavam as roupas íntimas do sexo oposto por perversão.

4º) Abismo linguístico: Refere-se às dificuldades que surgem ao tentar compreender o significado original dos textos bíblicos devido às diferenças de linguagem, cultura e contexto entre o tempo em que foram escritos e o nosso hoje. Como as línguas originais, como o hebraico, grego e aramaico, possuem nuances, expressões idiomáticas e conceitos que nem sempre têm equivalentes exatos em português ou outras línguas modernas, isso pode criar um "abismo" na interpretação. Por isso, os estudiosos muitas vezes precisam recorrer a estudos linguísticos, históricos e culturais para tentar preencher essa lacuna e entender melhor a mensagem original.

A Bíblia foi escrita em hebraico, aramaico e grego - três línguas que possuem estruturas e expressões idiomáticas muito diferentes da nossa própria

língua. Por exemplo, no hebraico e no aramaico dos manuscritos originais do Antigo Testamento só havia consoantes.

As vogais estavam subentendidas e, portanto, não eram escritas (embora os massoretas as tenham acrescentado séculos mais tarde, por volta de 900 d.C.). Além disso, tanto o hebraico quanto o aramaico são lidos da direita para a esquerda, e não da esquerda para a direita. Não havia separação entre as palavras.

Todo texto bíblico foi escrito por alguém, para ouvintes específicos, que se encontravam num contexto histórico e geográfico específico e com um objetivo específico. Cada passagem bíblica era aprendida ou entendida, tendo em mente seu contexto. O conteúdo da Bíblia foi afetado e influenciado pelo meio cultural em que cada autor humano escreveu.

Devido as significativas lacunas históricas, culturais, filosóficas e linguísticas que obstruem a compreensão espontânea e exata da Palavra de Deus, a hermenêutica correta se torna necessária e indispensável. Será que esses detalhes são observados quando interpretamos a Bíblia?

Segundo SHOLZ (2006), a Bíblia, por si só, é clara e compreensível também às pessoas simples. Em vista disso, estudar princípios de interpretação não é condição necessária para entender a Bíblia. A rigor, tudo que se tem a fazer é ler o texto e dar atenção ao contexto” (1 Co 2:11 e 1Jo 2:27).

Por outro lado, se descartarmos a hermenêutica correta, poderemos estar passando por cima de uma etapa indispensável do estudo bíblico e deixando de nos beneficiar dela.

Benefícios da hermenêutica bíblica

a) *Base para toda a teologia*: Sem uma interpretação correta do texto bíblico, qualquer doutrina desenvolvida a partir dele pode estar equivocada. A hermenêutica fornece os princípios que guiam a interpretação fiel ao contexto, à linguagem e à intenção original dos autores bíblicos.

b) *Evita erros e heresias*: Muitos desvios teológicos ou práticas religiosas distorcidas surgem de interpretações incorretas ou isoladas de versículos bíblicos.

c) *Forma líderes mais preparados*: Pastores, professores e líderes que compreendem bem os princípios hermenêuticos são mais aptos a ensinar corretamente e a conduzir suas comunidades com sabedoria e responsabilidade.

d) *Respeito ao texto sagrado*: A boa hermenêutica considera o contexto histórico, literário e cultural das Escrituras, respeitando o texto em vez de impor significados modernos ou pessoais.

As Escrituras estão repletas de exemplos em que os próprios autores bíblicos recorrem à interpretação de textos anteriores como forma de compreendê-los corretamente e aplicá-los ao seu contexto. Esse movimento interno de interpretação — também conhecido como reinterpretação ou exegese intrabíblica — revela um dinamismo teológico no qual textos antigos são relidos à luz de novas circunstâncias históricas, espirituais e proféticas.

Sendo a ciência e a arte de interpretar corretamente os textos bíblicos; a hermenêutica bíblica visa descobrir a intenção original do autor bíblico; considera o contexto histórico, cultural e literário dos textos; utiliza métodos e ferramentas para uma interpretação precisa e auxilia na aplicação da mensagem bíblica à vida atual.

Ela é fundamental para evitar interpretações errôneas ou distorcidas da Palavra de Deus, compreender a mensagem original dos textos bíblicos em seu contexto, aplicar os ensinamentos da Bíblia de forma relevante e eficaz.

Portanto, a hermenêutica bíblica é necessária por causa das lacunas históricas, culturais/filosóficas e linguísticas que obstruem a compreensão espontânea e exata da Palavra de Deus. Ela garante que a interpretação seja fiel ao propósito divino e relevante para os dias de hoje, tornando-se uma disciplina essencial para qualquer pessoa que deseja estudar e compreender a Bíblia de forma séria e responsável.

A Bíblia como sua própria intérprete

A Bíblia, como a medida e a autoridade máxima para a fé e a prática cristã, serve como a base para todas as crenças, ideias e pensamentos relacionados à vida espiritual. Por meio dela, podemos provar, analisar e fundamentar nossas convicções, garantindo que nossas ideias estejam alinhadas com a vontade de

Deus (Is 8:20). Há espaço para a criatividade no seu estudo, porém esta só deve ocorrer quando dirigida pelo Espírito Santo.

A parte disso, uma compreensão correta das Escrituras exige que a Bíblia seja sua própria intérprete, que toda ela seja estudada, que textos menos claros, com muitas figuras, símbolos e genealogias, sejam analisados à luz de textos que expressam tudo de forma clara e direta.

A chave interpretativa do Antigo Testamento (AT) é o Novo Testamento (NT). No AT, os profetas interpretam e aplicam a Lei ao contexto de seu próprio tempo, conclamando o povo a retornar à aliança com Deus. Profetas posteriores, por sua vez, realizam uma releitura dos textos anteriores, projetando o cumprimento de algo novo que ainda estava por acontecer.

A seguir, apresentaremos algumas referências que mostram como a Bíblia deve ser interpretada e como ela mesma fornece os meios para isso.

a) Neemias 8:8 – “Eles iam lendo o Livro da Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que o povo entendesse o que se lia”.

b) Isaías 28:10 - “Porque é mandamento sobre mandamento, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali”.

c) Lucas 10:25-28 - “E eis que certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o objetivo de pôr Jesus à prova e lhe perguntou: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então Jesus lhe perguntou: O que está escrito na Lei? Como você a entende”?

d) Lucas 24:27 - “E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dEle se achava em todas as Escrituras”. Os discípulos estavam deprimidos por não interpretarem devidamente as profecias messiânicas. O próprio Senhor Jesus reconheceu a necessidade de explicar as Escrituras e fez hermenêutica com os discípulos.

e) Atos 8:31 – “Ele respondeu: Como poderei entender, se ninguém me explicar? E convidou Filipe a subir e sentar-se ao seu lado”. Os versos 32 e 33 faz referência Isaías 53:8.

f) 2Coríntios 2:17 – “Porque nós não somos, como muitos, que ganham falsificando a palavra de Deus, antes a falamos em Cristo com sinceridade, antes

como de Deus na presença de Deus”. Paulo recomenda a não corromper ou falsificar as Escrituras.

g) 2 Timóteo 2:15 – “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”. Esse verso mostra que é necessário entender bem a Bíblia para transmitir sua mensagem de forma fiel.

h) 2 Pedro 3:16 – “Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição”. Pedro tinha dificuldade para entender alguns dos escritos de Paulo e naquela época, alguns já torciam a Bíblia. Ele reforça a necessidade de uma hermenêutica adequada para evitar equívocos.

Considerações finais

A hermenêutica, em sua definição básica, é a arte e ciência da interpretação, especialmente de textos. Sua origem remonta à Grécia Antiga, com pensadores como Platão e Aristóteles, mas ganhou forma no contexto teológico com a interpretação das Escrituras. No cristianismo, a hermenêutica bíblica se desenvolveu com os Pais da Igreja e se consolidou durante a Reforma, quando a ênfase na interpretação individual das Escrituras ganhou força. Ao longo da história, ela se firmou como disciplina essencial para a compreensão correta do texto bíblico, levando em conta fatores como contexto, linguagem, cultura e intenção do autor.

Na era moderna, a hermenêutica passou por transformações significativas, influenciadas por correntes filosóficas e críticas literárias. Com o Iluminismo e o racionalismo, surgiram abordagens mais críticas, que questionavam a autoridade do texto bíblico e buscavam entender sua construção histórica e social.

Autores como Schleiermacher e Gadamer propuseram modelos hermenêuticos que incluíam a experiência do intérprete como parte do processo interpretativo, abrindo espaço para leituras mais subjetivas e contextualizadas.

Essas mudanças marcaram uma transição de uma hermenêutica centrada no texto para uma hermenêutica mais dialógica e dinâmica.

Apesar dos avanços, a hermenêutica bíblica enfrenta diversos abismos que desafiam uma interpretação equilibrada. Entre eles estão o abismo histórico-cultural, que separa o mundo antigo do leitor moderno; o abismo linguístico, que envolve diferenças entre os idiomas originais e as traduções; e o abismo teológico, que diz respeito às diversas tradições e doutrinas cristãs.

Além disso, a leitura contemporânea muitas vezes é influenciada por agendas ideológicas ou subjetivismo excessivo, comprometendo a fidelidade ao sentido original do texto. Superar esses abismos exige uma abordagem responsável, fundamentada no contexto, na exegese e na dependência do Espírito Santo.

Hora de rever

Este estudo apresentou definições fundamentais da hermenêutica, suas raízes históricas e os principais elementos que moldaram sua aplicação ao longo do tempo, especialmente no contexto bíblico. Abordou o desenvolvimento da hermenêutica desde a Antiguidade até sua consolidação no campo teológico, destacando também os abismos que surgem entre o texto bíblico e o leitor contemporâneo, como os distanciamentos históricos, culturais e linguísticos.

Além disso, buscou-se descrever as principais mudanças ocorridas na hermenêutica moderna, influenciadas por correntes filosóficas e abordagens críticas. A análise também incluiu os abismos na interpretação bíblica à luz das próprias Escrituras, reconhecendo que a Bíblia oferece princípios internos para sua correta compreensão e aplicação, mesmo diante dos desafios hermenêuticos da atualidade.

Conteúdo complementar

Russell Shedd, “A importância da hermenêutica”

<https://br.video.search.yahoo.com/search/video?fr=mcafee&p=artigos+pdf+sobre+hermenutica+biblica&type=E210BR105G0#id=3&vid=729e4c881462cdd566a4b3abca80b318&action=click>

HERMENÊUTICA FILOSÓFICA: HEIDEGGER E GADAMER, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YiARzWAP11c>. Acessado em: 20 de jun/2025.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA (2016), p. 181.

BEMMELEN, Peter M. Van. “A autoridade das escrituras”, cit. em: REID, George W. (ed.) **Compreendendo as Escrituras**. Engenheiro Coelho, SP: UNSPRESS, 2007; p. 75-89.

KLEIN, William W., BLOMBERG, Craig L. e HUBBARD, Robert L. **Introduction to Biblical Interpretation**. Dallas, TX: Word, 1993; p. 21-28.

KRENTZ, Edgar. **The Historical-Critical Method**. (Filadélfia, PA: Fortress, 1975), p. 35-54.

LINDSAY (2016), p. 178 e 179.

SHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica**. Canoas, Editora Ulbra, 2006; p. 7.

TIMM, Alberto R. cit. em: REID, George W. (ed.). **Compreendendo as Escrituras**. Engenheiro Coelho, SP: UNSPRESS, 2007; p. 2.

ZUCK, Roy B. **Interpretação Bíblica, Meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 17.

UNIDADE 2 - PRINCÍPIOS DA HERMENÊUTICA BÍBLICA

Objetivos

- Descrever os princípios e os níveis da Hermenêutica Bíblica;
- Destacar os princípios da nova Hermenêutica;
- Analisar os princípios da crítica textual.

Os primeiros leitores dos textos bíblicos, em sua época e contexto, provavelmente, não encontraram grandes dificuldades para compreendê-los. Nós, porém, estamos separados deles por séculos de história, além de profundas diferenças culturais, linguísticas e sociais; corremos o risco de distorcer o sentido original das Escrituras. Nesse vazio interpretativo, podem surgir pensamentos como: “minha mente, minhas regras...”

Os ensinamentos da Bíblia não são apenas uma questão de interpretação pessoal (2 Pedro 1:20-21). Isso significa que não devemos forçar nossas próprias ideias sobre o texto, mas sim procurar descobrir o que a Bíblia realmente ensina. Deus fala conosco através da Bíblia e, quando a lemos, nosso objetivo deve ser descobrir qual é a mensagem dEle.

Diante disso, torna-se essencial conhecer e aplicar corretamente os princípios da hermenêutica bíblica, que nos ajudarão a entender o que as palavras da Bíblia realmente significam, para não cairmos em algum erro.

Você não precisa ser um especialista em hermenêutica, mas é fundamental ter uma compreensão clara dos princípios corretos de interpretação bíblica. Isso evita equívocos e conclusões que distorcem ou se afastam do verdadeiro sentido do texto. Um estudo, mesmo breve, sobre determinado tema pode ser acessível e extremamente proveitoso, especialmente para quem se dedica à pregação, trazendo profundidade, clareza e fidelidade à mensagem.

MARINHO (2008), p. 216-218, destacou que, além de utilizar as ferramentas necessárias na busca das informações e sentimentos do passado, a pesquisa bíblica segue alguns princípios básicos que, respeitados, darão diretriz ao pesquisador e o pouparão de cometer erros e distorções no significado do texto bíblico, como será visto a seguir.

Muito já se escreveu sobre os princípios de interpretação da Bíblia, e diversos métodos têm sido propostos ao longo do tempo. No entanto, considerando a abordagem mais amplamente aceita no contexto evangélico, pode-se resumir os princípios fundamentais da seguinte forma:

Princípios da Hermenêutica Bíblica

Entre os princípios essenciais para a interpretação bíblica, destaca-se a revelação, a autoridade divina, a harmonia bíblica, a auto interpretação, o uso da língua original, a contextualização, o sentido literal e a simbolização. Este tópico ajuda a entender como Deus se relaciona conosco ao longo da história e como Ele se revelou de forma gradual, para que pudéssemos compreendê-Lo melhor.

Revelação

A revelação é um ato gracioso e intencional de Deus, por meio do qual Ele se dá a conhecer à humanidade — algo que o ser humano, por si só, jamais alcançaria plenamente.

a) O que é a revelação? Revelar significa “tirar o véu”, “tornar conhecido algo que estava oculto”. No contexto bíblico, trata-se de Deus tornar conhecíveis aspectos do Seu ser, Sua vontade e Seu plano redentor.

b) Revelação progressiva: A ideia de progressão mostra que Deus não revelou tudo de uma só vez, mas foi revelando-se aos poucos, com maior profundidade e clareza ao longo da história.

Exemplos:

a) *No Antigo Testamento*, Deus se revela como Criador, Juiz, Provedor, e Redentor de Israel. A revelação era mais simbólica, ritual e profética.

b) *Nos Salmos e nos Profetas*, há vislumbres mais profundos do caráter de Deus e da vinda do Messias.

c) *No Novo Testamento*, essa revelação atinge seu ápice em Jesus Cristo, a revelação perfeita e final de Deus, como ressalta Hebreus 1:1 e 2: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho...”. Deus usou múltiplos

meios para se comunicar: visões, sonhos, milagres, profetas, escritores inspirados e outros.

Este estudo nos ajuda a entender como Deus se relaciona conosco ao longo da história e como Ele se revelou de forma gradual para que pudéssemos compreendê-Lo melhor.

A revelação divina pode ser compreendida em duas categorias: geral e especial. A revelação geral ocorre por meio da criação, da preservação do mundo natural (cf. Sl 19.1-6; Rm 1.18-21; At 14.17; Cl 1.17; Jó 38.1–39.30) e da consciência humana. Já a revelação especial é mais direta e pessoal. Deus se comunica de forma específica por meio das Escrituras e, de maneira suprema, por meio de Jesus Cristo (cf. Jo 1.1-3). Essa revelação é essencial para conhecermos quem Deus é e qual é a Sua vontade.

Autoridade divina

Entre os princípios da autoridade divina, relacionados à hermenêutica bíblica, destacam os seguintes:

a) *Inspiração*: A Bíblia é inspirada por Deus, o que significa que foi escrita sob a direção do Espírito Santo, sendo Sua Palavra escrita.

c) *Autorrevelação*: A Bíblia é a principal forma pela qual Deus se revela aos seres humanos, permitindo que o conheçamos e compreendamos seus propósitos.

d) *Clareza*: A mensagem central da Bíblia é clara e acessível a todos que a buscam com coração sincero e mente aberta.

e) *Unidade*: A Bíblia, embora seja composta por diversos livros, possui uma unidade intrínseca e um tema central, que é a revelação de Deus em Cristo.

f) *Aplicações à vida*: A Bíblia não é apenas um livro para ser estudado intelectualmente, mas deve ser aplicada à vida prática, transformando a maneira de pensar e agir.

Os passos a seguir ajudam aplicar de modo conveniente os princípios da autoridade bíblica:

a) *Exegese cuidadosa*: É preciso estudar o texto bíblico em seu contexto histórico, cultural e gramatical para compreender a mensagem original do autor.

b) *Reverência e humildade*: A interpretação da Bíblia deve ser feita com reverência a Deus e com humildade, reconhecendo que a verdade completa está além da compreensão humana.

c) *Discernimento*: É importante discernir a mensagem central da Bíblia e aplicá-la de forma relevante ao contexto atual.

d) *Dependência do Espírito Santo*: A iluminação do Espírito Santo é essencial para compreender a mensagem da Bíblia e aplicá-la à vida.

e) *Evitar interpretações forçadas*: A interpretação da Bíblia deve ser feita com honestidade e integridade, evitando forçar o texto a dizer algo que ele não diz.

Os autores do Antigo Testamento afirmavam com convicção que suas palavras tinham origem divina. Essa reivindicação é evidenciada pela frequência com que expressões como “diz o Senhor” (361 vezes), “assim diz o Senhor” (445 vezes) e o termo hebraico *dābhār* — traduzido como “Palavra do Senhor”, aparecem ao longo do texto (540 ocorrências). Tanto os profetas quanto os seus ouvintes, reconheciam que a mensagem proclamada vinha diretamente de Deus.

Jesus aceitou a autoridade do AT: Cristo, em Mateus 5:17-19, tratava o texto e os registros como fatos fiéis. Ele fazia aplicação, sem mudar o sentido do texto, e também denunciou o modo como os rabinos estavam interpretando as Escrituras.

Os escribas e fariseus nunca puderam acusar Jesus de usar qualquer texto da Escritura de modo ilegítimo. Parece que Jesus usou alguns textos de modo antinatural, mas se tratava de legítimas expressões idiomáticas hebraicas, aramaicas ou padrão de pensamento que não se traduz diretamente para nossa cultura e nosso tempo.

Os apóstolos reconheceram e aceitaram plenamente a autoridade do Antigo Testamento: Em pelo menos 56 ocasiões, o Novo Testamento faz referência explícita a Deus como o autor das Escrituras. É comum, ao citarem o Antigo Testamento, que os autores neotestamentários adaptem ou modifiquem o fraseado original. Então, como entender, do ponto de vista hermenêutico, essa prática?

Naquele período, havia diversas versões do Antigo Testamento em circulação. Além do texto hebraico, existiam ao menos quatro traduções gregas amplamente conhecidas: a Septuaginta, a versão de Áquila, a de Símaco e a de Teodócio.

Muitas vezes, os autores do Novo Testamento recorrem à memória ou fazem alusões, ao citar passagens do Antigo Testamento, em vez de transcrevê-las literalmente. No contexto cotidiano, essa liberdade ao citar, geralmente indica familiaridade e domínio do conteúdo.

A maneira como o Novo Testamento utiliza o Antigo Testamento nos oferece uma valiosa lição sobre como devemos lidar com as Escrituras. Embora os escritos neotestamentários estejam fundamentados na inspiração divina, eles também se apoiam na centralidade de Jesus Cristo, identificado como a própria Palavra de Deus (cf. Hb 1:1-2; Mt 15:6; Lc 5:1).

Em 1Timóteo 5:18, Paulo cita um texto do AT e um do NT, e os coloca no mesmo nível, chamando-os de Escritura (2Pe 3:15, 16). Portanto, o AT e o NT são complementares e devem ser vistos como partes de um todo, pois ambos representam a revelação de Deus para a humanidade. Eles têm a mesma origem divina, o que reforça a importância de estudá-los juntos para compreender melhor a mensagem completa de Deus para nós.

Essa visão ajuda a valorizar a continuidade e a harmonia entre as Escrituras, fortalecendo nossa fé e entendimento. Um exemplo pode ser notado em Hebreus 1:1 e 2:

- a) *Unidade entre o AT e o NT*: A fonte é a mesma: Deus. E Deus não muda;
- b) *Continuidade*: O Deus que falou muitas vezes voltou a falar no momento. As revelações progressivas de Deus, formam um todo;
- c) *Progressividade*: A revelação de Deus é progressiva e crescente. Deus falou primeiramente através dos profetas, depois falou através de Seu Filho Jesus, o que se tornou na revelação suprema;
- d) *Diversidade*: Existe algo que une o AT e o NT, mas existe também algo que os separa. Os costumes eram diferentes, a linguagem era diferente, o tempo era diferente, mas o Deus era o mesmo, a mensagem era a mesma (Salvação).

Portanto, um dos aspectos que mais evidencia a riqueza das Escrituras é a diversidade dos profetas. Cada profeta fala a partir de seu tempo, cultura,

contexto social e experiência pessoal. É justamente isso que confere pluralidade de vozes e profundidade espiritual ao texto bíblico.

A exemplo, **Amós** era um boieiro e colhedor de sicômoros. Sua linguagem é direta, forte, e voltada para a justiça social.

Isaías, com formação nobre, escreve com poesia refinada e visão teológica elevada.

Jeremias, marcado pelo sofrimento, transmite a dor do povo em suas lamentações e súplicas.

Ezequiel, com suas visões simbólicas, traz uma abordagem quase mística e altamente visual da mensagem divina.

Daniel, atuando na corte babilônica, mescla profecia apocalíptica com relatos históricos de fidelidade em meio ao exílio.

Essa variedade não enfraquece a mensagem; pelo contrário, torna o testemunho profético mais completo e acessível, alcançando diferentes públicos e revelando aspectos distintos do caráter de Deus. Também essa diversidade mostra que Deus fala por meio de diferentes perfis humanos — intelectuais e simples, corajosos e sensíveis, urbanos e rurais, evidenciando que a inspiração divina respeita e utiliza a individualidade humana como canal de revelação.

Em 1Coríntios 12:4-6, Paulo indica que o AT e o NT são inseparáveis, porque ambos são os ensinamentos de Cristo.

Harmonia bíblica

Interpretar passagens de modo que elas não entrem em conflito com outros textos bíblicos. A Bíblia deve ser interpretada de forma harmoniosa.

O princípio da harmonia é ditado pela doutrina da inspiração, que nos diz que as Escrituras são produtos de uma única mente divina.

Auto interpretação

A própria Bíblia se interpreta a si mesma, e a interpretação de um texto deve ser feita à luz do contexto maior das Escrituras. Esse princípio vem da Reforma Protestante, como observamos na unidade 1, e significa que o critério último para determinar o significado de uma porção das Escrituras é o testemunho de outra passagem da própria Escritura que trata do mesmo assunto. Os reformadores enunciaram o princípio *Sola Scriptura* – a Bíblia

somente - que coloca a Bíblia como autoridade final, absoluta e suficiente sobre a interpretação de si mesma.

Muitos escritores da Bíblia e o próprio Senhor Jesus podem ser vistos como “provando” um ensino ao apelarem para a Bíblia. Jesus explicou a doutrina da ressurreição citando Moisés (Êx 3.6; Lc 20.37). Afirmou sua identidade como Senhor referindo-se a Salmos 110.1 (Lc 20.41-44). Em Romanos, Paulo comprova e explica sua mensagem evangélica ao se referir a dezenas de passagens do Antigo Testamento.

Hoje, muitas Bíblias têm referências correlatas que indicam semelhanças e convergências entre várias passagens bíblicas. Referências correlatas ilustram o princípio *Scriptura sacra sui ipsius interpres* (a Escritura Sagrada interpreta a si mesma). Quando você estiver labutando para definir o significado de uma passagem, procure ajuda em passagens relacionadas.

Uso da língua original

Significa verificar se a tradução reflete fielmente o original. Um exemplo relevante é Lucas 23:42–43, onde lemos: *"Jesus lhe respondeu: Em verdade lhe digo que hoje você estará comigo no paraíso"*. Essa tradução levanta algumas questões: Jesus foi ao paraíso naquele mesmo dia? O ladrão morreu naquele dia e foi imediatamente para lá? A Bíblia teria se equivocado?

Ao examinar o texto grego original, observa-se que a palavra "que" não está presente. Isso permite outra pontuação e entendimento da frase: *"Em verdade te digo hoje: estarás comigo no paraíso."* Nesse caso, Jesus estaria enfatizando o momento da promessa (hoje), e não necessariamente o momento de seu cumprimento, o que resolve a aparente dificuldade do texto.

Então, sempre que possível, deve-se considerar as palavras no seu idioma original (hebraico, grego, aramaico) para captar nuances que podem se perder na tradução.

O intérprete precisa fazer uma ponte entre o significado original e a compreensão atual. É preciso ter segurança de que as palavras e orações usadas numa interpretação transmitem a mesma ideia que o escritor bíblico tinha em mente. Qualquer tradução ou paráfrase precisa ser avaliada à luz desse critério.

Contextualização

Significa considerar o contexto interno e externo do texto. Sempre interpretar um texto à luz do seu contexto imediato (capítulos e versículos) do contexto mais amplo. Isso ajuda a evitar interpretações isoladas ou fora de sentido.

A correta interpretação exige saber quem é o autor, as circunstâncias em que ele escreveu, o tempo e o lugar da redação do texto e as razões por que o escreveu.

Em 1Coríntios 10:25, Paulo orienta: *“Comei de tudo quanto se vende no açougue, sem perguntar nada, por causa da consciência”*. Para entender corretamente esse versículo, é essencial observar seu contexto histórico e cultural. Nos tempos bíblicos, o consumo de carne era comum entre sacerdotes, profetas, apóstolos e até mesmo por Jesus, que comeu peixe (Lc 24:42).

Além disso, carnes consideradas imundas não eram comercializadas nos açougues judeus. O contexto imediato da passagem trata especificamente de carnes sacrificadas a ídolos, e a preocupação de Paulo é com a consciência, tanto do cristão quanto de outros ao redor, e não com a natureza da carne em si.

Sentido literal

Buscar compreender o sentido literal das palavras, a menos que o contexto indique um sentido figurado ou simbólico.

Como premissa fundamental, o texto diz exatamente o que está escrito, e não se deve espiritualizar ou atribuir simbolismo aos elementos do texto. Quando o texto é simbólico, o contexto o indica, como fez Jesus na Parábola do Semeador, explicando o significado de cada tipo de solo. Aliás, parábolas e profecias são exemplos de textos simbólicos indicados pelo contexto.

Simbolização

Algumas passagens usam símbolos ou figuras de linguagem. É importante identificá-los para compreender o significado pretendido.

Além dessas questões discutidas, é conveniente destacar determinados níveis de análise que contribuem significativamente para uma compreensão

mais aprofundada do texto bíblico. Tais níveis, ao serem devidamente considerados, oferecem ao intérprete ferramentas essenciais para a compreensão das Escrituras.

Níveis da hermenêutica bíblica

1º Nível - Não acrescentar ao texto o que ele não diz: Em Deuteronômio 12:15 (ARA) lemos: *“Porém, consoante todo desejo da tua alma, poderás matar e comer carne nas tuas cidades, segundo a bênção do Senhor, teu Deus; o imundo e o limpo dela comerão, assim como se come da carne do corço e do veado”*. Com base nesse verso, alguns questionam se o texto estaria permitindo o consumo de animais imundos, o que em Levítico 11 havia sido proibido.

Enfim, o texto está tratando de animais impuros ou de pessoas ritualmente impuras? A ideia é confirmada em Deuteronômio 12:22, onde se repete que tanto a pessoa imunda quanto a limpa (em termos cerimoniais) poderiam participar da refeição, sem que isso implicasse a permissão para consumir animais proibidos pela lei.

2º nível: Verificar o contexto histórico (lugar e público-alvo): Compreender o contexto histórico em que os textos bíblicos foram escritos, incluindo o local, a cultura e o público original, é essencial para uma interpretação fiel. A exemplo, em 1Coríntios 14:34, Paulo orienta: *“Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas...”*, enquanto em Romanos 16:16 ele diz: *“Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo”*. Sem levar em conta o contexto cultural e histórico, esses textos podem ser facilmente mal interpretados.

No primeiro caso, ignora-se que Paulo também reconhece mulheres atuando ativamente na igreja (Febe, Priscila e outras). No segundo caso, o "ósculo santo" era um gesto comum de saudação entre pessoas do mesmo sexo naquela cultura, não um incentivo a práticas distorcidas.

Interpretar determinadas passagens literalmente e fora de seu contexto pode levar a conclusões absurdas ou até mesmo contraditórias com o restante da Escritura. Você vê lógica nisso?

3º nível: Verificar se é um princípio ou uma tradição: Princípios são verdades universais, imutáveis e aplicáveis em qualquer tempo ou cultura — como a santidade de Deus, a salvação pela fé, o amor ao próximo e outros. Já

as tradições podem variar conforme a época, o contexto social ou cultural, como certos costumes de vestimenta, formas de saudação e práticas litúrgicas.

Jesus abordou essa distinção em Marcos 7:7, ao repreender os fariseus: *“Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são tradições de homens”*. Eles haviam elevado tradições humanas ao nível de mandamentos divinos, distorcendo a verdadeira vontade de Deus. Na hermenêutica, é fundamental não absolutizar tradições passageiras, nem relativizar princípios eternos.

4º nível: *Considerar todo o contexto antes de chegar a uma conclusão:* Na interpretação de qualquer texto, seja filosófico, jurídico, religioso ou literário, é essencial analisar o que já foi dito anteriormente sobre o tema. Esse cuidado respeita o princípio hermenêutico do contexto histórico e cultural, reconhecendo que o significado do texto está ligado ao momento em que foi produzido e às interpretações anteriores. Entender quando e por que um texto foi escrito ajuda a revelar seu sentido mais profundo e evita conclusões precipitadas.

Hans-Georg Gadamer apresenta a ideia de "fusão de horizontes", onde o intérprete combina sua própria perspectiva com a tradição interpretativa anterior, promovendo um diálogo entre passado e presente. Nesse processo dialético, o intérprete considera os argumentos anteriores, reconhece seus méritos e limitações, e posiciona-se criticamente para buscar uma síntese ou uma nova compreensão.

Na teologia, por exemplo, isso significa que antes de interpretar um versículo isolado, o hermeneuta leva em conta séculos de exegese, a tradição da igreja e o contexto canônico mais amplo.

Vale ressaltar que o advento de novos princípios hermenêuticos nas últimas décadas tem contribuído significativamente para o enfraquecimento da compreensão correta do texto sagrado, como será evidenciado a seguir.

Princípios da nova hermenêutica

A hermenêutica moderna, em muitos de seus aspectos, carrega influências do liberalismo teológico. Esse liberalismo fundamenta-se nos seguintes pressupostos:

a) *A negação do sobrenatural.* Deus não é uma realidade pessoal, mas apenas um sentimento subjetivo;

b) A Bíblia é considerada uma produção exclusivamente humana, desprovida de inspiração divina;

c) A interpretação bíblica deve basear-se unicamente em critérios e métodos humanos, ignorando qualquer perspectiva espiritual ou revelada;

d) Tudo que não é racional deve ser rejeitado. Vê-se nisto um processo evolutivo (lei do mais forte).

Essa neo-ortodoxia surgiu como uma tentativa de conciliar elementos do liberalismo teológico com aspectos do pensamento conservador, buscando uma posição intermediária ou equilibrada. Essa abordagem afirma que Deus não se revela por meio de palavras, mas através de encontros pessoais e existenciais.

Nesse pressuposto, a Bíblia não é, em si, a Palavra de Deus, mas um registro humano do testemunho de pessoas que tiveram experiências genuínas com o divino.

Diante das ameaças que certas abordagens hermenêuticas modernas apresentam, torna-se imprescindível analisar a relevância dos princípios da crítica textual.

Princípios da crítica textual

Os princípios da crítica textual utilizados por editores e tradutores do Antigo Testamento são, em essência, os mesmos aplicados à edição e tradução do Novo Testamento ou de qualquer outro texto originado em sociedades pré-tecnológicas. Entre os princípios destacam-se os seguintes:

1) *Priorizar a melhor evidência textual disponível*, geralmente representada pelo texto massorético da Bíblia Hebraica. Em casos específicos, estudiosos podem recorrer aos manuscritos do Mar Morto ou a outras versões antigas. Para quem não domina o hebraico, traduções fiéis ao texto massorético são uma ferramenta útil e confiável na interpretação bíblica.

2) *Preferência a texto mais breve*. Copistas tendem a expandir o texto original, acrescentando glosas e explicações. Por isso, a crítica textual geralmente dá preferência às versões mais curtas, considerando-as mais próximas do conteúdo original.

3) *Prefira o texto mais difícil, especialmente do ponto de vista dos copistas.* Dificuldades no original muitas vezes levavam os copistas a "corrigir" ou suavizar o texto, gerando alterações. Hoje, com mais recursos linguísticos e históricos disponíveis, é metodologicamente mais adequado preservar o texto desafiador e buscar compreendê-lo, em vez de recorrer às versões mais fáceis.

4) *Evite recorrer a conjecturas, exceto quando não houver outra alternativa viável.* No passado, textos obscuros do hebraico bíblico eram frequentemente "corrigidos" com base em suposições. Hoje, graças aos avanços na filologia semítica comparada, especialmente com o estudo do ugarítico, muitos desses trechos têm sido esclarecidos, tornando as conjecturas um recurso excepcional e não preferencial.

Considerações finais

Nesta unidade vimos alguns princípios da hermenêutica, que consiste numa disciplina que trata da interpretação dos textos, especialmente os sagrados. Seus princípios fundamentais incluem a consideração do contexto histórico e cultural do texto, o exame do gênero literário, a análise do significado original pretendido pelo autor, e a aplicação do texto à vida contemporânea sem distorcer seu sentido.

Vimos que a crítica textual busca estabelecer o texto mais próximo do original, a partir dos manuscritos disponíveis. Entre seus princípios estão a preferência pelo texto mais curto (para evitar acréscimos posteriores), pelo texto mais difícil (pois copistas tendem a suavizar passagens complexas), e pela coerência interna do texto.

Também observou que a hermenêutica bíblica pode ser vista em diferentes níveis, que há a necessidade de não acrescentar ao texto o que ele não diz, de verificar o contexto histórico, *se é um princípio ou uma tradição*, antes de chegar a uma conclusão; além de compreender temáticas como as descritas, permite uma interpretação mais rica e equilibrada e evita leituras superficiais ou que desviem da intenção original.

Hora de rever

Estudar e compreender a Bíblia em seu contexto é essencial para uma interpretação fiel e saudável. Levar em conta o contexto histórico, cultural, literário e teológico de cada passagem permite discernir, de forma coerente, a verdade revelada por Deus.

Esse cuidado evita distorções, interpretações equivocadas e o uso indevido das Escrituras para defender ideias pessoais ou doutrinas questionáveis. Além disso, uma leitura contextualizada protege contra erros, promove o amadurecimento espiritual, aprofunda o relacionamento com Deus e fortalece a fé com base sólida e bíblica.

Estudo complementar

Uma breve história da Interpretação Judaica das Escrituras - Do exílio ao Talmud. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SAFknECSvec>. Acessado em 08 de jun/2025.

História da Hermenêutica - A interpretação na idade média: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F3DBmMOHxw>. Acessado em 8 de jun/2025.

Santo Agostinho, a interpretação oficial, a regra ou consenso da Bíblia e da igreja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F3DBmMOHxw>. Acessado em 08 de jun/2025.

Hermenêutica - A interpretação da Bíblia no período Patrístico. Séculos II - V d.C. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqfXrI0WBOs>. Acessado em 08 de jun/2025.

REFERÊNCIAS

LUND, E. **Regras de Interpretação das Sagradas Escrituras** (livro online).

MARINHO, Robson M. **A arte de pregar: Como alcançar o ouvinte pós-moderno**. Vida Nova, 2008.

SHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica**. Canoas, RS: Editora Ulbra, 2006.

UNIDADE 3 – MÉTODOS DA HERMENÊUTICA BÍBLICA

Objetivos

- Descrever bloqueios na hermenêutica bíblica e etapas da hermenêutica correta;
- Analisar métodos para a boa interpretação bíblica;
- Destacar características do intérprete bíblico competente.

Nas últimas décadas, a hermenêutica bíblica tem passado por mudanças significativas, especialmente com o surgimento de abordagens pós-modernas que enfatizam os pressupostos pessoais, culturais e contextuais do intérprete. Embora essas perspectivas tragam contribuições importantes, também podem representar desafios à compreensão objetiva do texto bíblico.

A fim de que haja uma interpretação das Escrituras de forma correta e fiel ao seu significado original, deve-se utilizar diferentes métodos que ajudam na compreensão do texto sagrado de maneira adequada, levando em consideração o contexto histórico, cultural, linguístico e teológico.

Esses métodos são essenciais para que possamos extrair ensinamentos verdadeiros e aplicáveis à nossa vida, respeitando a intenção original dos autores e a mensagem divina. Nessa unidade, vamos explorar os principais métodos utilizados na hermenêutica bíblica e entender como eles contribuem para uma interpretação mais profunda e fiel da Palavra de Deus!

Também iremos verificar as etapas da hermenêutica correta, passos metodológicos para interpretação das Escrituras, características do intérprete bíblico competente, Jesus e o apóstolo Paulo como intérpretes das Escrituras e, no final, a hipótese documental, que é uma teoria desenvolvida por estudiosos da crítica bíblica para entender como os cinco livros que compõem o Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) foram escritos, considerados o núcleo fundacional das Escrituras Hebraicas.

Antes, porém, vamos examinar alguns bloqueios interpretativos que podem dificultar a compreensão correta do texto bíblico.

Bloqueios na hermenêutica

Na interpretação bíblica, às vezes encontramos alguns bloqueios que podem dificultar a compreensão correta do texto. Esses bloqueios podem surgir por diferentes razões, como preconceitos pessoais, falta de conhecimento do contexto histórico ou cultural, ou até mesmo interpretações superficiais que não levam em conta o significado original.

Além disso, a linguagem antiga, diferenças culturais e a complexidade dos textos também podem criar obstáculos na hora de entender a mensagem de forma fiel. Reconhecer esses bloqueios é importante para que possamos superá-los e interpretar a Bíblia com mais clareza e fidelidade, sempre buscando a verdade que Deus quer nos transmitir. Vejamos os principais bloqueios:

a) *Preconceitos e pré-concepções*: ideias ou opiniões formadas antecipadamente, antes de analisar o texto ou discurso. Esses preconceitos podem distorcer a interpretação, levando a uma leitura parcial ou distorcida do conteúdo.

b) *Falta de contexto*: ausência de informações históricas, culturais ou situacionais necessárias para compreender o significado completo. Quando esse contexto está ausente ou é desconhecido, a interpretação pode se tornar superficial ou errônea.

A Bíblia cobre um período de cerca de 1.500 anos, e com o passar do tempo, muitas informações se perderam ou se tornaram difíceis de entender sem o contexto adequado. Conhecer os fatos históricos ajuda a interpretar melhor os textos bíblicos e entender as circunstâncias em que foram escritos.

A distância cultural entre o mundo bíblico e o contexto contemporâneo constitui um dos maiores desafios hermenêuticos. Elementos como a prática da adoção, o uso de ídolos domésticos, documentos de propriedade, bem como o vestuário característico da época, refletem uma cosmovisão e padrões sociais significativamente distintos dos nossos. Compreender esses aspectos é fundamental para evitar anacronismos e alcançar uma interpretação mais fiel ao contexto original das Escrituras.

Exemplos como os *terafins* mencionados em Gênesis 31:34 — pequenos objetos que funcionavam como símbolo de posse e herança familiar — ilustram

práticas jurídicas e culturais muito distintas das nossas. Raquel, ao furtá-los, não apenas subtraiu bens, mas comprometeu a legitimidade da herança de seu pai. De modo semelhante, os *marcos antigos* citados em Provérbios 22:28 indicam a maneira como propriedades eram legalmente delimitadas, desempenhando função análoga às escrituras modernas.

Já em Deuteronômio 22:5, a proibição quanto ao uso de vestes do sexo oposto revela que, embora roupas masculinas e femininas fossem semelhantes na aparência, havia distinções sutis culturalmente significativas. Tais práticas, quando compreendidas em seu contexto original, são essenciais para uma interpretação bíblica fiel, evitando anacronismos e leituras descontextualizadas.

c) *Limitações linguísticas*: dificuldades na compreensão da linguagem, como ambiguidades, polissemia ou uso de termos técnicos. A linguagem é complexa e cheia de ambiguidades. Termos polissêmicos (com múltiplos significados), metáforas ou jargões técnicos podem dificultar a compreensão exata do conteúdo. Além disso, diferenças na língua ou no nível de conhecimento do leitor podem criar obstáculos na interpretação precisa.

A tradução das Escrituras — originalmente redigidas em hebraico, aramaico e grego — apresenta desafios significativos, sobretudo em razão dos *idiomatismos*, ou seja, expressões linguísticas e culturais sem equivalentes diretos em outras línguas. Tais dificuldades podem comprometer a transmissão precisa do significado original.

Um exemplo é o termo grego *epílusis* (ἐπίλυσις), em 2 Pedro 1:20, comumente traduzido como “interpretação” ou “iniciativa”. A palavra carrega a ideia de algo originado da vontade humana, e sua correta compreensão ressalta que a profecia não procede de interpretação pessoal, mas da revelação divina.

d) *Resistência à mudança*: relutância em aceitar interpretações diferentes das próprias crenças ou conhecimentos prévios. Indivíduos muitas vezes resistem a aceitar interpretações que desafiam suas crenças, valores ou conhecimentos prévios. Essa resistência impede uma compreensão aberta e flexível do texto, limitando a possibilidade de novas perspectivas e aprendizados.

e) *Complexidade do texto*: textos densos, ambíguos ou altamente especializados que dificultam a compreensão. A complexidade pode estar na

estrutura da argumentação, no uso de conceitos abstratos ou na linguagem elaborada, exigindo maior esforço interpretativo e conhecimento especializado.

f) *Falta de diálogo ou interação*: ausência de troca de ideias que poderia esclarecer dúvidas e ampliar a compreensão. A hermenêutica se beneficia do intercâmbio de ideias e questionamentos entre interlocutores. A ausência dessa troca pode limitar a clarificação de dúvidas e impedir uma compreensão mais aprofundada do significado pretendido pelo autor.

Esses bloqueios podem comprometer a objetividade e a profundidade da interpretação hermenêutica, representando desafios que podem ser superados com práticas como o estudo contextualizado, o diálogo crítico e a reflexão consciente durante o processo interpretativo.

À luz dos diversos impedimentos que afetam a interpretação das Escrituras, sejam de ordem espiritual, cultural ou metodológica, e considerando a pluralidade de abordagens hermenêuticas desenvolvidas ao longo da história, também é fundamental considerar os diversos métodos hermenêuticos desenvolvidos ao longo do tempo.

Tendo considerado os distintos impedimentos hermenêuticos, passamos, a seguir, à análise das principais etapas de uma hermenêutica bíblica.

Etapas da hermenêutica correta

1. *Observação* - Pergunta: "Que diz o texto?" Envolve uma leitura cuidadosa para entender o conteúdo literal, identificar palavras-chave e captar o que está explicitamente declarado.

2. *Interpretação* - Pergunta: "Que quer dizer?" Busca digerir o texto e compreender o significado mais profundo, o contexto, a intenção do autor e as possíveis mensagens subjacentes.

3. *Aplicação* - Pergunta: "Como se aplica a mim?" Reflete sobre como a mensagem interpretada pode ser relevante e prática na vida do leitor ou na sua situação atual.

O objetivo do estudo da Bíblia não se limita a apurar o que ela diz e o seu significado; inclui a aplicação dela à vida. Se não aplicarmos as Escrituras, estaremos encurtando o processo como um todo e deixando incompleto o que

Deus deseja que façamos. A interpretação é a etapa que nos transporta da leitura e da observação do texto para a aplicação e a prática.

Talvez a interpretação seja, das três etapas, a mais difícil e a que mais tempo consome. Quando o estudo bíblico é reduzido neste aspecto, pode-se incorrer em erros graves e em resultados distorcidos.

Ao lerem a Bíblia, muitos cometem o equívoco de saltar diretamente da observação para a aplicação, negligenciando a etapa essencial da interpretação. Trata-se de um erro significativo, pois a interpretação é o elo lógico e necessário que conecta a observação à aplicação. Enquanto a observação consiste em uma análise atenta do que o texto bíblico declara, a interpretação exige uma reflexão cuidadosa sobre o que o texto significa. Sem essa mediação, corre-se o risco de aplicar erroneamente as Escrituras, fora de seu contexto e propósito original.

Métodos de Interpretação da Bíblia

Segundo SOUZA (1997), no final do século XX, os cristãos em geral, e os protestantes em particular, enfrentaram tremendos desafios no campo da interpretação da Bíblia. O mundo acadêmico tem oferecido múltiplas opções metodológicas para a compreensão das Escrituras. Contudo, quase todos estes métodos têm suas pressuposições fundamentadas no iluminismo e no deísmo, movimentos filosóficos que floresceram, especialmente na Europa, a partir do século XVII.

Estas filosofias propagaram uma visão naturalista e evolucionista da realidade, na qual Deus passou a ser visto como um ser distante e desinteressado das coisas do mundo, na melhor das hipóteses o "relojoeiro" que faz o relógio e o abandona para que funcione por si mesmo. Toda a realidade passa a ser vista, avaliada e determinada a partir do homem. A cosmovisão teocêntrica de épocas passadas torna-se antropocêntrica, exercendo impacto sobre todas as áreas do conhecimento humano.

Nas ciências naturais surgiu a teoria da evolução difundida por Charles Darwin; nas artes houve uma perda das estruturas; a organização que marcava a pintura foi substituída por riscos, traços e manchas sem sentido; a música também sofreu perda da harmonia, para ceder lugar a ruído e barulho. Em suas

formas de expressar e compreender a realidade, o homem demonstra que perdeu seus pontos de referência.

A Bíblia, não ficou imune a esta mudança de paradigmas. Os teólogos foram especialmente afetados pelas correntes filosóficas que estavam na moda. Surgiu o assim chamado método "histórico-crítico" de interpretação da Bíblia que em muitas universidades, seminários teológicos e denominações substituiu o método "gramático-histórico" empregado pelos reformadores.

Derivados do método histórico-crítico surgiram a nova hermenêutica, o estruturalismo, métodos pós-modernos como a crítica feminista, o desconstrucionismo, a crítica da resposta do leitor, a crítica psicanalítica e a crítica política. Emergiram como um desenvolvimento natural do método histórico-crítico e com a pretensão de corrigir as falhas.

No entanto uma análise destes métodos demonstra que os mesmos não conseguiram superar o ceticismo e antropocentrismo do método que lhes deu origem e jamais conseguiram ver na Bíblia mais do que um livro humano que pode ser manipulado e dissecado pelos críticos sem qualquer poder de exigir-lhes obediência.

Compreender os métodos e princípios de interpretação é essencial para ler a Bíblia com responsabilidade. Os principais são:

a) *Método Histórico-Gramatical*: O método gramático-histórico foi defendido por João Calvino, Filipe Melâncton, Ulrico Zuínglio e outros, em oposição ao método alegórico de alguns Pais da Igreja e também contra o sistema católico-romano que colocava a tradição da igreja como autoridade ao lado da Bíblia. Assim, podemos dizer que este método surge da convicção de que unicamente a Bíblia é autoridade em assunto de fé e prática.

Para a correta interpretação, busca-se o significado original do texto mediante a análise do contexto histórico-cultural, das particularidades linguísticas e gramaticais do idioma original, e da intenção do autor dentro do gênero literário apropriado. Este método visa respeitar a integridade do texto bíblico, reconhecendo sua inspiração divina e autoridade normativa.

b) *Método Alegórico* – Desenvolvido principalmente na Escola de Alexandria, teve entre seus principais expoentes Orígenes (séc. III), que defendia a existência de múltiplos sentidos nas Escrituras, notadamente o

literal, o moral e o espiritual (ou místico). Este método interpreta os textos bíblicos como portadores de significados mais profundos e espirituais, ocultos sob a linguagem literal, muitas vezes relacionados a verdades teológicas, morais ou escatológicas.

Embora tenha exercido grande influência na patrística e na exegese medieval, sua aplicação desregrada pode conduzir ao subjetivismo hermenêutico, ao afastar-se do sentido histórico-original do texto. Assim, a tradição reformada posteriormente enfatizou a necessidade de critérios exegéticos mais objetivos, como os oferecidos pelo método histórico-gramatical.

c) *Método Histórico-Crítico*: O método histórico-crítico tem suas raízes acadêmicas mais profundas na Alemanha, espalhou-se pela Europa, chegou ao Estados Unidos, difundiu-se pelo mundo, e hoje é aceito por um considerável número de denominações cristãs. Os teólogos que adotam o método histórico-crítico entendem que a Bíblia deve ser interpretada como qualquer documento secular, uma vez que foi produzida por fatores puramente humanos.

LINNEMAN (1990) afirma que, no método histórico crítico, o conceito de Escritura Sagrada é relativizado de forma que a Bíblia não é nada mais do que um escrito religioso igual a outros escritos religiosos, uma vez que outras religiões têm suas Escrituras sagradas. Não se pode assumir que a Bíblia seja singular e superior a elas. É por isso, que a Bíblia deve ser tratada como um livro igual a qualquer outro.

Embora amplamente adotado em círculos acadêmicos e confissões teológicas mais liberais, o método é alvo de críticas entre teólogos conservadores e reformados por, frequentemente, subestimar a autoridade canônica e a inspiração divina das Escrituras. Ao privilegiar o aspecto humano e histórico da redação bíblica, pode enfraquecer a dimensão teológica e normativa do texto sagrado.

d) *Método da Nova Hermenêutica*: Na década de sessenta surgiu um movimento de interpretação da Bíblia que buscou enfatizar a subjetividade no processo da interpretação das Escrituras. Ernst Fuchs, Gerhard Ebeling, Hans Georg Gadamer e Eberhard Jüngel foram os pioneiros deste método denominado "nova hermenêutica." Uma síntese das principais afirmações do

método tal como defendido por Gadamer pode ser útil para uma melhor compreensão do mesmo.

O preconceito na interpretação não pode ser evitado, mas deve ser encorajado se queremos captar toda a obra e não apenas as partes. Esta pré-compreensão vem de nós mesmos e não do texto, uma vez que o texto é indeterminado em seu significado. O significado de um texto sempre ultrapassa o seu significado, portanto a compreensão não é um processo reprodutivo, mas uma atividade produtiva. O assunto, não o autor, é que determina o significado.

A explicação de uma passagem não é totalmente o resultado da perspectiva do intérprete, nem totalmente a perspectiva da situação histórica original do texto. É, ao contrário, uma "fusão de horizontes." No processo de compreensão, as duas perspectivas se fundem em uma terceira opção. Significados do passado não podem ser reproduzidos no presente porque o ser do passado não pode se tornar ser no presente. Este método nega a possibilidade de um conhecimento objetivo do texto bíblico.

No encontro com o texto, o intérprete deve permitir que o texto desafie suas pressuposições e preconceitos a respeito do seu significado, e neste confronto cria-se o assim chamado "evento-linguagem" onde a Palavra de Deus é ouvida de maneira renovada e com nova percepção.

Embora a nova hermenêutica tenha um aspecto positivo na busca por superar a esterilidade de um positivismo histórico, e em seu alerta a respeito da subjetividade e preconceitos do intérprete, torna-se altamente negativa ao excluir a possibilidade de qualquer certeza por parte do intérprete de que sua interpretação esteja correta. Não existe no texto um sentido objetivo a ser recuperado, assim jamais podemos determinar a falsidade ou veracidade de uma determinada interpretação.

Craig Blomberg aponta as seguintes falhas na nova hermenêutica:

- 1) Ela confunde o modo como o conhecimento é adquirido, o qual é subjetivo, com a validade do conhecimento, o qual é objetivo.
- 2) Assume que conhecimento incompleto implica em falso conhecimento.
- 3) Passa por alto as similaridades entre o método histórico e o método científico, que permite a ambos alcançarem um grau de objetividade.

4) Exagera na ênfase na subjetividade, o que pode levar a negar a existência de uma verdade objetiva. Assim, ela considera que não há uma interpretação única ou correta, pois tudo estaria sujeito às perspectivas pessoais e culturais do intérprete, tornando as interpretações altamente relativas e sem um critério claro para determinar qual é a correta. Assim, a nova hermenêutica, em sua tentativa por superar aspectos negativos do método histórico-crítico, descamba para um completo relativismo "confundindo os fatos com a interpretação dos mesmos."

e) *Método Pós-Moderno*: O método Pós-Moderno reconhece a existência de fundamentos absolutos para organizar a realidade e acredita em pontos de referência universais para estabelecer a verdade, independentemente das experiências individuais.

Na visão pós-moderna "não podemos aspirar nenhuma representação unificada do mundo, nem retratá-la como uma totalidade cheia de conexões e diferenciações mas como fragmentos em perpétua mudança." Ademais, o pós-modernismo pretende ser desmistificador, buscando mostrar que os ideais são baseados em ideologias e interesses políticos ou econômicos.

À parte do referido, o intérprete competente distingue-se por passos metodológicos que merecem consideração especial. Confira!

Passos metodológicos

King (2007) apresentou as diretrizes abaixo como referência para a interpretação das narrativas históricas:

1. *Fazer leitura cuidadosa e repetida do texto*: Interpretar a Bíblia exige ler e reler o texto com cuidado para captar todas as nuances. É vital prestar atenção aos detalhes do relato, mesmo aqueles que podem parecer insignificantes ou supérfluos. Por exemplo, o leitor descuidado poderia negligenciar o detalhe aparentemente insignificante acerca do comportamento de Absalão, quanto ao seu cabelo (2Sm 14:26). Entretanto, a sua vaidade no tocante ao cabelo foi um ponto importante, porque antecipou a causa de sua morte.

2. *Estudar os aspectos literários*: No mínimo, os seguintes elementos de cada passagem: o enredo, o ambiente, os personagens e os pontos de vista do narrador. Para descobrir o enredo, pergunte: Sobre o que é esta passagem? O

cenário ou ambiente lida com as perguntas: “Quando”? e “onde? Qual o tempo e o lugar em que uma narrativa é posta? Personagens são as pessoas envolvidas na história, aqueles que levam adiante o enredo. É importante analisar como os vários personagens são retratados a fim de interpretar corretamente a narrativa histórica. O ponto de vista do narrador se refere à perspectiva teológica daquele que relata a narrativa.

3. *Tomar nota de repetições:* As palavras e frases que se repetem podem ser úteis para determinar o significado pretendido pelo autor.

4. *Procurar a perspectiva divina:* As narrativas históricas não estão apenas tentando relatar a história do povo que vivia nos tempos antigos, mas são principalmente acerca de como Deus operava em Seus filhos, por meios deles, e, às vezes, apesar deles.

5. *Delimitar a perícopes que está sendo estudada:* Delimitar ou identificar uma unidade textual coerente dentro de um livro bíblico é essencial para a interpretação correta das Escrituras. Uma perícopes é um trecho que forma uma unidade completa de sentido, com começo, desenvolvimento e conclusão próprios.

Vale ressaltar que, nas últimas décadas, a hermenêutica bíblica tem passado por mudanças significativas, especialmente com o surgimento de abordagens pós-modernas que enfatizam os pressupostos pessoais, culturais e contextuais do intérprete. Embora essas perspectivas tragam contribuições importantes, também podem representar desafios à compreensão objetiva do texto bíblico.

Por isso a necessidade de um intérprete bíblico competente; alguém que possua conhecimentos sólidos e uma abordagem cuidadosa ao estudar as Escrituras.

Características do intérprete bíblico competente

a) *É uma pessoa regenerada:* A fé salvadora e o Espírito Santo são necessários para compreendermos e interpretarmos bem as Escrituras (Jo 16:13; 1Co 2:14). O Espírito de Deus ilumina o texto principalmente no sentido de aplicá-lo aos nossos corações.

b) *Possui capacidade de raciocínio, paciência e perseverança:* A interpretação das Escrituras exige esforço contínuo, sempre na dependência da atuação do Espírito Santo. Em razão da natureza humana decaída e dos efeitos da queda, a compreensão plena do texto bíblico está além do nosso alcance. Da mesma forma, é improvável que se atinja consenso absoluto entre os intérpretes.

c) *Conhece a história bíblica:* O conhecimento da história bíblica é uma ferramenta necessária para aqueles que querem interpretar a Bíblia corretamente. Há a necessidade de comparação de textos e de doutrinas. Para que isso aconteça, precisamos ler a Bíblia uma ou mais vezes ao ano e ter uma visão panorâmica de cada livro.

g) *Recorre a uma ampla gama de recursos exegéticos e hermenêuticos:* Isso inclui múltiplas traduções da Bíblia, comentários acadêmicos, dicionários bíblicos e teológicos, concordâncias, chaves bíblicas, atlas e mapas históricos, bem como ferramentas digitais e programas especializados em estudos bíblicos. Tais instrumentos são fundamentais para uma abordagem crítica, contextual e responsável do texto sagrado.

e) *Demonstra proficiência na pesquisa por meio das línguas originais:* Apesar do notável avanço das traduções bíblicas em língua portuguesa — cada vez mais rigorosas em termos textuais e exegéticos, o acesso direto aos textos nas línguas originais (hebraico, aramaico e grego) continua sendo insubstituível para uma exegese mais precisa e profunda. A distinção pode ser ilustrada pela analogia entre uma imagem em preto e branco e uma imagem em cores: ambas transmitem o conteúdo essencial, mas apenas a segunda revela com maior nitidez os contrastes e a riqueza dos detalhes.

O domínio das línguas originais permite ao intérprete captar recursos linguísticos, estruturas sintáticas e camadas semânticas que frequentemente se perdem ou são suavizadas no processo tradutório, o que contribui significativamente para uma compreensão mais acurada e contextualizada do texto bíblico.

Em suma, um intérprete bíblico competente é alguém que entende que a Bíblia foi escrita em contextos históricos, culturais e linguísticos específicos, e, por isso, busca interpretar o texto de forma fiel ao seu significado original.

Também estuda as línguas originais (hebraico, grego e, às vezes, aramaico), conhece o contexto histórico em que os textos foram escritos. Além disso, é importante que ele seja humilde, reconhecendo que a compreensão plena da Bíblia é um processo contínuo e que deve buscar a orientação do Espírito Santo para interpretar com sabedoria.

Um intérprete bíblico competente também valoriza o equilíbrio entre o entendimento literal, histórico e teológico, evitando interpretações superficiais ou distorcidas. Assim, ele consegue transmitir a mensagem de Deus de forma clara, fiel e relevante para a vida das pessoas hoje.

Jesus como intérprete das Escrituras

Diante da dificuldade de compreenderem as palavras de Cristo, os discípulos demonstraram traços característicos de humildade e busca sincera, recorrendo a Ele com perguntas e pedidos de explicação. Cristo instruiu-os em particular (Mc 4:34) e abriu-lhes o entendimento para que compreendessem as Escrituras (Lc 24:45).

Esse exemplo indica as condições necessárias para o estudo proveitoso das Escrituras, oferece a regra fundamental que se deve observar: a oração e a súplica. Nunca se deve empreender o estudo sem haver pedido que Deus abra o entendimento e aclare sua Palavra.

A fonte de toda luz e sabedoria é Deus, e diz a promessa: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus... e ser-lhe-á concedida" (Tg 1:5). Assim fazia Davi: "Desvenda os meus olhos, ensina-me os teus decretos, dá-me entendimento, porque medito nos teus testemunhos" (Sl 119:18, 26, 34, 37, 99). Ele pôde cantar o resultado de seu proceder, dizendo: "Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar!" "Compreendo mais que todos os meus mestres" (v. 103 e 99).

Paulo como intérprete das Escrituras

De acordo com SHOLZ (2006), o apóstolo Paulo se destaca no Novo Testamento pelo uso intenso e variado do Antigo Testamento, com cerca de 107 citações diretas. Dessas, 42 concordam com o texto hebraico e a Septuaginta, sete seguem apenas o hebraico e 17 apenas a Septuaginta. Em aproximadamente 31 casos, Paulo parece realizar traduções livres ou adaptações teológicas.

Essa variação indica uma abordagem hermenêutica flexível, em que Paulo utiliza as Escrituras conforme a necessidade retórica e pastoral. Seu uso criativo das fontes revela tanto domínio textual quanto liberdade teológica, aspectos amplamente discutidos nos estudos sobre intertextualidade bíblica.

Um exemplo hermenêutico de Paulo encontra-se em Romanos 4:1-25, onde o apóstolo interpreta a narrativa de Abraão para fundamentar a doutrina da justificação pela fé, em oposição às obras da lei mosaica. Paulo faz uso das passagens de Gênesis 15:6 e Salmo 32:1-2, valendo-se do princípio da analogia linguística e teológica. Ao identificar o verbo “imputar” presente em ambos os textos, estabelece uma relação exegética que sustenta seu argumento soteriológico, demonstrando uma hermenêutica que integra elementos textuais distintos para a construção de um significado teológico coerente.

A seguir, apresenta-se a hipótese documental, uma construção teórica desenvolvida por estudiosos da crítica bíblica que visa explicar a origem, a redação e a composição dos cinco livros que constituem o núcleo fundacional das Escrituras Hebraicas, tradicionalmente denominados Pentateuco.

A Hipótese Documental

Essa hipótese, conhecida como “Teoria das Fontes”, é uma proposta exegética e crítica que busca explicar a composição do Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia, a partir da junção de quatro fontes literárias distintas, cada uma com características teológicas, linguísticas e estilísticas próprias. Essas fontes são identificadas como **J** (javista), **E** (eloísta), **D** (deuteronomista) e **P** (sacerdotal).

Elaborada inicialmente por estudiosos como Jean Astruc, no século XVIII, e desenvolvida por Julius Wellhausen, no século XIX, essa hipótese ressalta que

o Pentateuco não é obra de um único autor (tradicionalmente Moisés), mas resultado de um processo redacional complexo que se estendeu por vários séculos, refletindo diferentes contextos históricos e comunidades de fé em Israel. Essas fontes são conhecidas como:

1. Fonte Javista (J) – século X a.C.

- a) Nome divino predominante: YHWH (Yahweh);
- b) Local de origem provável: Reino do Sul (Judá);
- c) Estilo: Narrativo, vívido, com forte antropomorfismo (Deus caminha, fala diretamente, etc.)
- d) Ênfase teológica: Relação pessoal com Deus, foco em promessas, bênçãos e maldições
- e) Exemplo: A criação no Gênesis 2 (onde Deus forma o homem do pó da terra e caminha pelo jardim).

Os javistas são considerados um dos grupos mais antigos envolvidos na formação do texto bíblico, associados à tradição que utiliza o nome 'YHWH' (Yahweh) para se referir a Deus. Essa fonte, conhecida como 'Javista' ou 'Fonte J', teria desempenhado um papel fundamental na composição das narrativas iniciais sobre o povo de Israel, destacando uma relação pessoal, direta e próxima entre Deus e a humanidade.

2. Fonte Eloísta (E) – século IX a.C.

- a) Nome divino predominante: Elohim;
- b) Local de origem provável: Reino do Norte (Israel);
- c) Estilo: Mais sóbrio e distante; Deus se comunica por meio de sonhos, anjos ou profetas;
- d) Ênfase teológica: Obediência a Deus, ética, temor a Deus e figuras proféticas.
- e) Exemplo: Histórias de Abraão e Isaque em que Deus aparece em sonhos.

Os elohistas, por sua vez, surgem em uma fase posterior e utilizam o termo 'Elohim' para se referir a Deus. Essa tradição tende a enfatizar mais a transcendência divina e a relação de Deus com a criação, apresentando uma visão mais distante e reverente em comparação à fonte javista.

3. Fonte Deuteronomista (D) – século VII a.C.

- a) Nome divino predominante: YHWH, com linguagem jurídica e moral;
- b) Local de origem provável: Jerusalém (durante ou após a reforma religiosa do rei Josias);
- c) Estilo: Discursivo, legalista e exortativo, com chamadas ao arrependimento e à fidelidade
- d) Ênfase teológica: Aliança, lei, centralização do culto em Jerusalém;
- e) Exemplo: O livro de Deuteronômio quase inteiro, com longos discursos atribuídos a Moisés.

Os deuteronomistas surgiram com uma forte ênfase na lei e na aliança, promovendo uma moralidade centralizada e apresentando uma visão de Deus como justo e exigente. Essa tradição teve grande influência na reforma religiosa do rei Josias, no século VII a.C., que buscou consolidar o culto em Jerusalém e renovar a fidelidade do povo a Deus.

4. Fonte Sacerdotal (P) – século VI a.C.

- a) Nome divino predominante: Elohim (até Êxodo 6), depois YHWH
- b) Local de origem provável: Durante o exílio babilônico;
- c) Estilo: Formal, repetitivo, com genealogias, datas e detalhes ritualísticos;
- d) Ênfase teológica: Pureza, sacerdócio, rituais, santidade e estrutura cultual;
- e) Exemplo: Gênesis 1 (criação ordenada em sete dias), partes de Levítico e Números.

Os sacerdotais, ou grupos sacerdotais, foram responsáveis por enfatizar os aspectos rituais e litúrgicos, especialmente relacionados ao templo de Jerusalém. Essa tradição contribuiu para a consolidação da religião oficial de Israel, preservando as práticas religiosas e os códigos de pureza, além de organizar as genealogias e as leis sacerdotais que garantiam a identidade e a santidade do povo.

Por que essas fontes são importantes? Entender essas fontes ajuda a compreender variações ou repetições nos textos (exemplo: duas narrativas da criação, duas histórias de Abraão mentindo sobre Sara); a perceber o contexto histórico e teológico em que certos textos foram produzidos; a respeitar o processo progressivo de revelação que, mesmo por meio de diferentes autores

e épocas, comunica uma mensagem coesa sobre Deus e seu relacionamento com o ser humano.

Observação: A hipótese documental não é consensual em todas as tradições religiosas e continua sendo debatida por estudiosos. Enquanto muitos a consideram uma ferramenta valiosa para entender a formação do texto bíblico, outros a veem como limitada ou superada por abordagens mais recentes da crítica literária e canônica.

Por fim, se destacam os apocalípticos que surgem em um período posterior, especialmente durante o exílio na Babilônia e no período pós-exílio. Essa corrente traz uma visão de esperança voltada para um futuro messiânico e a renovação do mundo após o juízo final, refletindo as dificuldades e as expectativas do povo de Israel diante das adversidades enfrentadas.

Considerações finais

A hermenêutica bíblica enfrenta diversos bloqueios que dificultam a compreensão adequada do texto sagrado. Entre os principais desafios estão as barreiras linguísticas, culturais e históricas, que exigem do intérprete um conhecimento aprofundado das línguas originais e do contexto sociocultural do período bíblico.

Além disso, preconceitos pessoais, pressupostos teológicos rígidos e interpretações preconcebidas podem limitar a objetividade hermenêutica, comprometendo a fidelidade ao sentido original do texto. Outro obstáculo frequente é a falta de familiaridade com os gêneros literários bíblicos e com os princípios exegéticos básicos, o que pode levar a interpretações distorcidas ou superficiais. Para superar tais dificuldades, é essencial a adoção de métodos sólidos e sistemáticos na interpretação bíblica.

Um intérprete bíblico competente deve ainda demonstrar características fundamentais, como humildade intelectual, paciência, rigor acadêmico e abertura à orientação do Espírito Santo. Essa combinação de competência técnica e sensibilidade espiritual é crucial para uma interpretação equilibrada, responsável e enriquecedora das Escrituras.

Hora de rever

Nas últimas décadas, a hermenêutica bíblica tem sido marcada por mudanças expressivas, impulsionadas, em grande parte, pelas abordagens pós-modernas que valorizam elementos subjetivos, culturais e ideológicos no processo interpretativo. Embora tais perspectivas ampliem a compreensão do texto ao considerar a diversidade de contextos e leitores, também podem introduzir barreiras significativas à apreensão do sentido original das Escrituras, comprometendo a objetividade e a fidelidade interpretativa.

Esta pesquisa examina os principais obstáculos que dificultam uma leitura precisa do texto bíblico, bem como discute métodos e etapas fundamentais da hermenêutica. Também demonstra a necessidade de métodos exegéticos adequados para uma interpretação fiel, contextualizada e teologicamente coerente da revelação bíblica. Isso contribui para alcançar uma compreensão mais profunda e responsável das Escrituras Sagradas.

Conteúdo complementar

RASEL, Frank. Disponível em: <https://deptos.adventistas.org/ministerial/portal-pastor/pt/Artigos/Hermen%C3%A9utica%20Adventista.pdf>. Acessado em 18 de jun/2015.

SIMIONI, Rafael. “Cinco Métodos ou técnicas de interpretação: gramatical, lógico, sistemático, histórico e teleológico”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xkwh1-2mHks&t=574s>. Acessado em: 26 de jun/2025.

REFERÊNCIAS

KING, A. Greg. "Interpretando a narrativa histórica do Antigo Testamento". Cit. em: REID, W. George. **Compreendendo as Escrituras**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007; P. 153-156.

LINNEMAN, Eta. **Historical Criticism on the Bible: Methodology or Ideology?** (Grand Rapids, MI: Baker Book House Company. 1990), 84-85.

MARINHO, Robson M. **A Arte de Pregar**. São Paulo: Vida Nova, 2008; p. 216-218.

REID, W. Georg. **Compreendendo as Escrituras**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007.

SHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica**. Canoas, Editora Ulbra, 2006; p. 45.

SOUZA, Elias Brasil de "Métodos contemporâneos de interpretação da Bíblia". Revista SALT-IAENE; 1997, p. 38.

UNIDADE 4 – PERIGOS DA HERMENÊUTICA MODERNA

Objetivos

- Analisar alguns perigos na interpretação das Escrituras Sagradas;
- Descrever outros riscos teológicos e práticos decorrentes de uma hermenêutica bíblica inadequada;
- Compreender a hermenêutica moderna equivocada.

No contexto eclesial contemporâneo, observa-se um paradoxo inquietante: o púlpito, tradicionalmente destinado à exposição fiel das Escrituras, tem sido, frequentemente, utilizado para discursos baseados em experiências subjetivas e técnicas persuasivas, em detrimento da exegese rigorosa e da fidelidade teológica. Essa tendência compromete a natureza transformadora da pregação bíblica, reduzindo a mensagem divina a um discurso vazio.

Tal desvio não se limita a uma falha metodológica, mas reflete uma falta de reverência à autoridade das Escrituras. Como resultado, alguns adulteram intencionalmente a Palavra de Deus (2 Co 4.2), outros interpretam-na equivocadamente sem consciência disso e muitos a distorcem para sua própria perdição (2 Pe 3.16).

Devido aos desvios sofridos na hermenêutica, neste estudo analisaremos alguns perigos que ela pode causar na interpretação bíblica.

Alguns perigos na interpretação das Escrituras

a) *Leitura isolada e não contextualizada*: Como dito anteriormente, a leitura de trechos da Bíblia fora de seu contexto histórico, cultural e literário levam a conclusões que contradizem a intenção original do texto.

b) *Abordagem interpretativa descuidada*: A interpretação inadequada das Escrituras, muitas vezes, ignora que a Bíblia é uma coletânea de livros escritos em diferentes períodos históricos, por diversos autores e dirigidos a públicos distintos. Cada texto carrega um contexto específico que deve ser considerado para evitar distorções e aplicar corretamente sua mensagem.

c) *Uso político e manipulativo da Bíblia*: Em diversos contextos históricos, a Bíblia foi utilizada como instrumento de controle e dominação, muitas vezes distorcendo seu verdadeiro propósito. Em vez de ser lida como uma mensagem de libertação, amor e justiça, foi interpretada de forma seletiva para justificar interesses políticos, opressão social e práticas contrárias ao espírito do evangelho.

d) *Práticas religiosas que contradizem o espírito do evangelho*: Quando práticas religiosas promovem intolerância, discriminação, violência ou orgulho espiritual, elas entram em contradição direta com o coração da mensagem de Cristo, mesmo que tentem se justificar com citações bíblicas. O verdadeiro evangelho é marcado por graça, humildade, amor ao próximo e justiça. Qualquer prática que distorce esses valores, ainda que revestida de linguagem religiosa, nega sua essência.

e) *Colocar a experiência pessoal acima das Escrituras*: Quando a experiência pessoal é tratada como autoridade máxima, acima da revelação bíblica, abre-se espaço para interpretações subjetivas e distorcidas da fé.

Embora a experiência espiritual tenha seu valor, especialmente na vivência pessoal com Deus, ela deve sempre ser avaliada à luz das Escrituras, que são a referência segura para o discernimento da verdade.

Quando experiências individuais se tornam o critério final, corre-se o risco de confundir emoções ou convicções pessoais com a vontade de Deus, comprometendo a fidelidade doutrinária e a integridade da mensagem do evangelho.

f) *Aplicar regras de interpretação sem conhecê-las*: Um dos erros mais comuns na leitura da Bíblia é o uso intuitivo ou mecânico de regras hermenêuticas sem compreendê-las adequadamente. Muitos aplicam princípios como “leitura literal”, “contexto” ou “interpretação espiritual” sem saber o que esses termos realmente significam ou como devem ser usados corretamente. Isso pode levar a distorções graves do texto bíblico, criando doutrinas equivocadas ou práticas confusas.

A boa hermenêutica exige estudo, responsabilidade e humildade, reconhecendo que interpretar corretamente as Escrituras vai além da simples leitura; requer preparo e reverência diante da Palavra de Deus.

g) *Não reconhecer a revelação progressiva de Deus*: Ignorar o princípio da revelação progressiva é um erro comum na interpretação bíblica. A Bíblia apresenta a revelação de Deus de forma gradual, à medida que Ele se comunica com a humanidade ao longo da história, culminando na pessoa de Jesus Cristo (Hb 1:1–2).

h) *Não reconhecer a existência do conflito cósmico*: Potestades espirituais caídas, Satanás e seus anjos, podem influenciar o exegeta. Precisamos ser conscientes da influência tanto dos santos anjos (Dn 8:16; 9:22 e 23; Lc 24:6 e 7) como dos anjos maus (Ef 6:12; 1Co 4:3 e 4; 1Tm 4:1) para interpretar a Bíblia.

Se os anjos bons e os anjos maus podem influenciar a mente, como pode alguém estar certo quanto à validade de uma interpretação escriturística? WHITE (1997) declara: Depois de minar a fé na Bíblia, Satanás encaminha os homens a outras fontes em busca de luz e poder. Assim se insinua ele. Os que se desviam dos claros ensinamentos da Escritura, e do poder convincente do Espírito Santo de Deus, estão convidando o domínio dos demônios.

Para evitar equívocos na interpretação de textos bíblicos, é necessário seguir princípios, como vimos na unidade dois. Alguns deles são mais extensos; outros, mais curtos. Alguns se concentram em certos aspectos específicos, outros procuram um aspecto mais geral. Alguns se destinam ao teólogo profissional, que fará sua investigação nas línguas originais, outros, por sua vez, vão pressupor o estudo feito por um leigo.

Outros riscos na hermenêutica bíblica

1) *Omissão da distanciação*: Intérpretes frequentemente leem sua teologia pessoal nos textos em vez de abordá-los de maneira aberta. O reconhecimento desse preconceito é essencial.

2) *Ignorância da narrativa bíblica*: Esse perigo surge quando intérpretes leem textos bíblicos de forma isolada, levando a contradições com a narrativa geral da Bíblia. Uma compreensão coesa das Escrituras é essencial para evitar má interpretação.

3) *Trabalho fora dos “dados” da Bíblia*: Agendas interpretativas modernas podem distorcer a compreensão dos textos bíblicos ao ignorar seus princípios

fundamentais. Isso pode levar a interpretações errôneas que refletem preocupações contemporâneas, em vez da intenção das Escrituras.

4) *Reconstrução histórica descontrolada*: Pesquisadores podem depender de reconstruções especulativas da história da igreja primitiva que ofuscam evidências concretas encontradas no Novo Testamento.

5) *Mal entendidos sobre relações causais*: Isso pode surgir quando pesquisadores correlacionam eventos sem evidências suficientes. Tais perigos podem levar a conclusões errôneas sobre narrativas bíblicas.

6) *Perigos de motivação*: Esse tipo envolve atribuir motivações a figuras históricas sem evidências substanciais, frequentemente levando a interpretações baseadas em especulações.

7) *Paralelomania conceitual*: Esse perigo ocorre quando intérpretes traçam paralelos inadequados entre textos bíblicos e conceitos não relacionados de outras disciplinas.

Por isso, o exame de alguns passos metodológicos ajuda a evitar erros e promover uma leitura mais fiel ao sentido original do texto bíblico.

Em suma, cada autor escreveu inspirado por Deus, mas de sua maneira. Na inspiração, a personalidade, a linguagem e o estilo de escrever do profeta é preservado, sem que se tire a validade da palavra do escritor. Veja os exemplos de passagens bíblicas com variações redacionais:

Mateus 27:37 revela: “E por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: este é Jesus, o rei dos judeus”. Esse texto, em Marcos 15:26 diz: “E por cima dele estava escrita a sua acusação: o rei dos judeus”. Já Lucas 23:38 escreve: “E também por cima dele, estava um título, escrito em letras gregas, romanas e hebraicas: este é o rei dos judeus”. Enquanto João 19:19 relata: “Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: Jesus Nazareno, o rei dos judeus”.

Em Números 25:9, Moisés informou que, no evento da adoração a Baal-peor, morreram 24.000 pessoas. Paulo, em 1Coríntios 10:8, citando o mesmo episódio, disse que haviam morrido 23.000. Isso, de algum modo, afeta a inspiração bíblica? De forma alguma. O autor se preocupou com o fato que ocorreu, não com detalhes.

Outro exemplo está em Levíticos 11:6: “A lebre, porque ruma, mas não tem unhas fendidas, esta vos será imunda”. A lebre ruma? O importante não é se a lebre ruma ou não, o ponto central é que o homem não deve comer a carne da lebre.

O texto de Marcos 6:8 diz: “E ordenou-lhes que nada tomassem para o caminho, senão somente um cajado; nem alforje, nem pão, nem dinheiro no cinto”. A orientação era que, na caminhada, não levasse nada, exceto uma bengala. Lucas 9:3 afirma: “não levem nada, nem bordão”. O que altera no objetivo de Jesus? Não era o fato de levar ou não o bordão, mas a necessidade de depender inteiramente de Deus.

Ainda, comparando Mateus 26:34 que diz “antes que o galo cante...” (mais genérico), com Marcos 14:30: “Antes que o galo cante, três vezes...” (Mais específico), um estava sendo mais preciso que o outro, mas isto não muda o cerne da mensagem que era o fato de que Pedro negaria a Jesus.

Palavras como ferramentas inadequadas

Palavras são ferramentas essenciais para pregadores e teólogos, mas o uso inadequado delas pode levar a mal-entendidos nos textos bíblicos.

Palavras mal compreendidas ou mal-empregadas podem comprometer a interpretação, funcionando como instrumentos impróprios na análise do texto. CARSON (2001) identifica alguns deles:

a) *Anacronismo semântico*: Esse erro ocorre quando significados modernos são projetados sobre textos antigos. Por exemplo, interpretar expressões bíblicas utilizando conceitos contemporâneos, como: Relacionar “dinamite” à noção bíblica de poder, pode distorcer o significado original, já que essa palavra pode evocar conotações muito diferentes em suas respectivas épocas.

b) *Apelo a significados desconhecidos ou improváveis*: Focar em significados raramente atestados sem evidências substanciais pode levar a interpretações equivocadas. Por exemplo, discutir a palavra “cabeça” em I Coríntios 11:2-16 pode desviar o significado, ao se recorrer a paralelos antigos inadequados.

c) *Apelo descuidado a material de contexto diferente*: Esse erro envolve a aplicação inadequada de contexto histórico ou cultural sem crítica. As interpretações resultantes podem distorcer o texto bíblico ao falharem em discernir seu contexto particular.

d) *Paralelomania verbal*: A tendência de traçar paralelos superficiais entre textos literários pode levar a conclusões falsas. Conexões não fundamentadas entre palavras ou frases podem distorcer seus significados pretendidos em contextos específicos.

e) *Suposições falsas sobre significado técnico*: Interpretar palavras, carregando significados técnicos específicos, pode causar mal-entendidos significativos. Os estudiosos muitas vezes ignoram os diversos usos de termos em diferentes contextos.

f) *Problemas relacionados a sinônimos e Análise Comportamental*: A confusão sobre nuances e sutilezas em sinônimos pode levar a interpretações simplificadas. Isso negligencia as complexas faixas semânticas que as palavras podem possuir, particularmente na linguagem poética ou metafórica.

g) *Uso seletivo e preconceituoso de evidências*: Esse erro destaca o uso de evidências escolhidas a dedo para apoiar uma conclusão pré-determinada, o que pode levar a interpretações tendenciosas do texto.

Hermenêutica moderna equivocada

Friedrich Schleiermacher (1768–1834), considerado o pai da teologia liberal, foi um dos primeiros a aplicar os princípios do racionalismo à teologia cristã. Para ele, a Bíblia não era uma revelação divina normativa, mas um documento puramente humano, sujeito às limitações culturais e históricas de seus autores.

Em sua visão humanista de religião, Deus não se revela de forma objetiva, mas é experimentado subjetivamente, como um sentimento de dependência absoluta. Assim, a religião se torna uma expressão da consciência individual, e o homem passa a ocupar o centro da experiência religiosa. Nesse modelo, cada pessoa pode construir sua própria forma de fé, sem a necessidade de submeter-se a uma autoridade externa ou a verdades absolutas.

A Bíblia, como a medida e a autoridade máxima para a fé e a prática cristã, serve como a base para todas as crenças, ideias e pensamentos relacionados à vida espiritual. Por meio dela, podemos provar, analisar e fundamentar nossas convicções, garantindo que nossas ideias estejam alinhadas com a vontade de Deus (Is 8:20).

No entanto, todo intérprete que aborda um texto já traz consigo certa bagagem cultural, linguística e ética. Mesmo que as perguntas que ele faça ou deixa de fazer, sobre o texto, reflitam as limitações impostas por tal bagagem; de alguma forma, elas irão condicionar o tipo de resposta que pode voltar do texto e a maneira como o intérprete irá compreendê-la. Os olhares de um intérprete influenciam suas compreensões.

Concernente a nova hermenêutica, destacamos problemas históricos, culturais e linguísticos que ela apresenta para a compreensão do texto bíblico, como visto, sob outra perspectiva, na unidade três.

Há algumas passagens paralelas, tanto no AT quanto no NT que parecem ter narrativas contraditórias, porém, não é necessário que passagens paralelas sejam idênticas para que sejam corretas. Diferentes autores podem ter usado palavras diferentes com o mesmo sentido. O propósito de um autor pode ser diferente de outro. Um autor pode relatar alguns detalhes que outro autor não menciona.

A exemplo, Jesus proferiu ensinamentos e realizou ações semelhantes em diferentes ocasiões ao longo de seu ministério. Em alguns casos, essas distintas circunstâncias podem ser confundidas, especialmente considerando que os costumes, bem como os métodos de registro histórico na época bíblica, diferem significativamente dos padrões adotados em períodos posteriores.

Do mesmo modo, existem erros de copistas nos manuscritos, apesar de serem relativamente poucos, que poderiam afetar o significado de uma passagem, mas nenhuma deles afeta qualquer doutrina fundamental. Existem citações do AT no NT que não batem com a passagem citada. A maioria delas provem da Septuaginta, que era a forma mais popular das Escrituras nos dias de Jesus.

Às vezes, não existiu uma intenção de citar palavra por palavra do versículo do AT; simplesmente citava-se a ideia do versículo. Deus, como inspirador da Bíblia, pôde inspirar o autor a dar outro sentido para as passagens do AT.

Quando a Bíblia e outro documento histórico não concordam, temos que dar preferência à Bíblia por várias razões:

a) Os outros documentos históricos não são inspirados.

b) Existem mais manuscritos antigos (cópias) da Bíblia que atestam à sua autenticidade do que de qualquer outro documento histórico.

c) A arqueologia, constantemente, confirma as afirmações da Bíblia.

Além disso, quando há discrepâncias entre a Bíblia e teorias científicas, devemos considerar os seguintes passos:

A Bíblia não foi dada como um livro texto. Muitas coisas relatadas na Bíblia que tocam na área da ciência estão corretas, porém não necessariamente completas.

Nem todas as teorias científicas já foram provadas. Muitas destas teorias ainda são suposições não comprovadas (Exemplo: Teoria da Evolução).

Quando existem divergências entre a Bíblia e a ciência, há duas possibilidades: os fatos relativos à natureza são mal-entendidos ou a interpretação bíblica não foi bem elaborada. Mesmo após verificarmos todas as possibilidades para darmos uma explicação plausível às contradições aparentes, nem sempre conseguiremos. Isto não significa que exista realmente uma contradição, mas mostra que nós não conhecemos a explicação (Exemplo: teoria da Terra redonda).

Considerações finais

A presente reflexão evidencia que uma interpretação equivocada das Escrituras Sagradas frequentemente decorre de fatores múltiplos, que incluem desde pressupostos teológicos mal fundamentados até metodologias hermenêuticas inadequadas. A identificação das influências negativas que incidem sobre os processos interpretativos revela o quanto a hermenêutica pode ser vulnerável a distorções, quando desconectada de critérios exegéticos sólidos e de uma teologia bíblica coerente.

Compreender os riscos teológicos e práticos resultantes de uma hermenêutica deficiente, não apenas reforça a necessidade de rigor acadêmico na interpretação das Escrituras, mas também destaca a importância de uma abordagem reverente, contextualizada e metodologicamente responsável, que preserve a integridade do texto sagrado e promova sua aplicação fiel na vida da comunidade cristã.

Hora de rever

A análise das causas que conduzem a interpretações equivocadas das Escrituras revela a complexidade do processo hermenêutico. As influências negativas que incidem sobre a hermenêutica, sejam elas de natureza filosófica, teológica ou cultural, demonstram como determinadas leituras podem distorcer o sentido original do texto e comprometer sua função normativa no âmbito da fé cristã.

Compreender os perigos inerentes a uma hermenêutica bíblica mal orientada, portanto, não é apenas um exercício teórico, mas uma exigência fundamental para a salvaguarda da integridade teológica e da práxis eclesial.

Nesse sentido, impõe-se o desenvolvimento de uma hermenêutica crítica, historicamente informada e teologicamente responsável, capaz de articular fidelidade ao texto no seu contexto.

Conteúdo complementar

Os Perigos da Interpretação Bíblica, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YdVWHLcNJfk>>. Acessado em 27 de jun/2025.

REFERÊNCIAS

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2001; p. 118.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997; p. 591.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

f @maltafaculdade

 **www.faculdademalta.edu.br**